

Blumenau em Cadernos

TOMO XXXVII

Setembro de 1996

Nº. 9



EFEMÉRIDE HISTÓRICA DO MÊS

No dia 10. de setembro de 1969 a TV Coligadas/ Canal 3 inicia suas atividades em Blumenau, tendo a frente os empresários Wilson de Freitas Melro, Caetano Deeke de Figueiredo e Flávio Rosa.

IMPRESSO

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU, EDITORA DESTA REVISTA, TORNA PÚBLICO O AGRADECIMENTO AOS AQUI RELACIONADOS PELA CONTRIBUIÇÃO FINANCEIRA QUE GARANTIRÃO AS EDIÇÕES MENSAIS DURANTE O CORRENTE ANO :

- AIGA BARRETO M. HERING
- ALFREDO LUIZ BAUMGARTEN
- ALTAMIRO JAIME BUERGER
- ANTÔNIO ROBERTO NASCIMENTO
- ARIANO BUERGER E FAMÍLIA
- ARMANDO LUIZ MEDEIROS
- ARTHUR FOUQUET
- AUTO MECÂNICA ALFREDO BREITKOPF S/A.
- BENJAMIN MARGARIDA E FAMÍLIA
- BUSCHLE & LEPPER S/A
- CASA FLAMINGO LTDA.
- CLICHERIA BLUMENAU LTDA.
- COMPANHIA COMERCIAL SCHRADER
- COOPERATIVA DE CONSUMO DOS EMPREGADOS DO GRUPO HERING — COOPERHERING
- CREMER S/A. PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS
- CURT FIEDLER
- D. G. S. — FACTURING FOMENTO COMERCIAL LTDA.
- DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.
- GENÉSIO DESCHAMPS
- GRÁFICA 43 S/A IND. E COM.
- ENGEPROM ENGENHARIA, PROJETOS E MONTAGENS LTDA.
- HERING TÊXTIL
- HERWIG SHIMIZU ARQUITETOS ASSOCIADOS
- HOH, — MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS S/A.
- JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.
- LINDNER ARQUITETURA E GERENCIAMENTO S/C LTDA.
- MADEIREIRA ODEBRECHT LTDA.
- M. J. T. REPRESENTAÇÕES E SERVIÇOS LTDA.
- NELSON VIEIRA PAMPLONA
- NIELS DEEKE
- PADRE ANTÔNIO FRANCISCO BOHN
- PAUL FRITZ KUEHNRIK (in memória)
- PICKLER CONSTRUÇÕES LTDA.
- POSTO HASS LTDA.
- RESTAURANTE À NAPOLITANA — RODÍZIO DE MASSAS
- SCHRADER S/A. COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES
- SILVIO PAULO ARALDI, ADVOGADO E FAMÍLIA
- TEKA — TECELAGEM KUEHNRIK S/A.
- TRANSFORMADORES MEGA LTDA.
- UNIMED — BLUMENAU
- VICTORIA E WILLY SIEVERT
- WALTER SCHMIDT COM. E IND. ELETROMECAÂNICA LTDA.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXVII

Setembro de 1996

Nº. 9

SUMÁRIO

Página

Verbetes para Dicionário de História (10) — Theobaldo Costa Jamundá	258
1º. Encontro da Família Michels	260
Um rio que imita o Reno — Grete Medeiros	262
Efeméride na firma Ronny Phillippi	264
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	265
"Viva-a-Vida" recebe mais adeptos	267
Reminiscências de Ascurra — Atilio Zonta	268
Registros de Tombo de Brusque (VIII) — Pe. Antônio Francisco Bohn	269
Curiosidades de uma Época LIII — S. C. Wahle	272
Andanças com bicicleta pelo Vale do Itajaí entre 1912-1938 — Otto Stange	273
O jovem cientista Fritz Müller — Juceli T. C. Zunino	279
Lançamento do índice de "Blumenau em Cadernos"	281
Aconteceu... há 50 anos passados — José Gonçalves	282
Reminiscências da 15 — Werner Henrique Tönjes	283
Aconteceu... Agosto de 1996	286
Avanço tecnológico para a melhor visão	288
Ô Catarina! e a cultura açoriana	288

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

Propriedade da FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Editor responsável: José Gonçalves — Reg nº. 19

Assinatura por Tomo (12 nºs.) R\$ 20,00

Número avulso R\$ 5,00

Assinatura para o exterior (porte via aérea) R\$ 40,00

Rua 15 de Novembro, 161 — Caixa Postal 425 — Fone 326-6787

89010-001 — BLUMENAU — SANTA CATARINA — BRASIL

1. O DR. CARLOS FOUQUET BLUMENAUENSE NOTÁVEL

Este é outro que o centenário do nascimento será no próximo 1997. O pai chamou-se Eugen Fouquet, e o foi o jornalista que criou para o "DER URWALDSBOTE" lugar destacado na Imprensa Teuto-brasileira da época e na mesma aparece no grupo dos mais capacitados.

CARLOS FOUQUET, praticou vida intelectual nacional, foi bacharel em Letras Anglo-germânicas e doutor em Filosofia. Ficou na Bibliografia brasileira como sabendo escrever bem em português e alemão. É autor dos títulos: (1) Hans Staden Duas Viagens ao Brasil (1942); (2) O Cerco de Igarapu — 1549 (1943); (3) O Prisioneiro de Ubatuba (1948).

O melhor estudo biobibliográfico sobre o Dr. Blumenau, é da autoria de Carlos Fouquet, está nas páginas nºs. 52 a 115 do livro: "Centenário de Blumenau 1850 — Setembro — 1950".

Sabe-se que a atividade que desenvolveu no Instituto Hans Staden (São Paulo, SP) e no Instituto Genealógico Brasileiro mesmo que erudita, pela própria natureza genealógica, foi útil e visou interesse de grupo ou de comunidade. Uma prova se toma com o volume intitulado: "O RAMO BRASILEIRO DA FAMÍLIA DO DR. FRITZ MULLER" ("Sábio decifrador da natureza do Brasil") — Neste livro de 32 páginas se tem o crochê formado pelos herdeiros do sábio.

E se constate (no caso que interesse se tenha) que nem sempre, os "MULLER" do ramo brasileiro do sábio doutor darwinista conceituado, assumiram ufanados a dignidade da descendência.

(De muitos que conheci pessoalmente, foi João Hennings Filho, que com o comunicativo riso amigo, me deu o livro onde está na brotação genealógica).

Sob metáfora, Carlos Fouquet, foi consultor confiável sobre a família Teuto-brasileira no universo barriga-verde ou onde aparece sendo contribuição originada na Europa central e no caldeirão do abrasileiramento, como por exemplo no nordeste brasileiro, operando a remodelação urbana do Recife, conforme quis o presidente da Província de Pernambuco, Francisco do Rego Barros, conde da Boa Vista.

Ainda é ele, Carlos Fouquet, sem homenagem condigna na cidade em que nasceu, que é co-autor com o coronel Salvador de Moya, do livro: "Famílias Brasileiras de Origem Germânica" (1967).

Entre os catarinenses nascidos em Blumenau, SC, CARLOS FOUQUET, está no grupo dos preservadores da memória como autor com títulos na Bibliografia brasileira.

2. REPRESENTAÇÃO BLUMENAUENSE NO CONGRESSO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA DE SANTA CATARINA — 1896-1996

Entre os comunicadores participantes com trabalhos previamente, inscritos, e portanto participantes da programação, compareceu o heraldista EDISON MUELLER. — **Quem lá não foi assistente da aula sobre heráldica cívica, perdeu o saber algo sobre a aplicação da Heráldica no território catarinense.**

A competência de Edison Mueller conquistou os que ouviam a informação oferecida em linguagem clara. E deles saíram os apartes interessados. E Edison

Mueller foi suficiente na explanação, na crítica e na orientação. Naquela sala do Congresso e naquela tarde do dia 05.09.96, assumiu ter sido quem mais denso interesse conquistou pelo tema e pedagogicamente, colocando a temática exibidora do uso, abuso e decisões asnáticas, no campo da criação de brasões. **Com tantas referências adequadas, colheu do Prof. Dr. Corsino Medeiros dos Santos (Universidade de Brasília — Departamento de História)** a sugestão praticável: Existir assessoramento confiável, em nível estadual, para evitar o que é antiheráldico. E, exatamente sobre o que parece municipalmente, heráldico, e é apenas desenho resultante de vontade ignorante do que seja um brasão ao menos pela definição dicionarizada, uma vez que a ciência dos brasões, a Heráldica, é da competência do heraldista.

Na conversa informal ocorrente depois da comunicação de Edison Mueller, o grupo transpareceu estar motivado por duas opiniões: (1) Os símbolos representam a dignidade do ato público, a autoridade e o poder; (2) Conferem uma importância, portanto, existe a necessidade de funcionamento de projeto revisionista dos Símbolos oficiais, existentes, no território catarinense.

O projeto revisionista, poderia usar as seguintes potencialidades: (1) Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (Agora Centenário). (2) As Universidades; (3) Fundações culturais, Museus e Arquivos históricos; (4) A Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina e as Câmaras de Vereadores.

Como se compreende a representação blumenauense no Congresso comemorativo do transcurso do centenário do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, fecundou idéia plausível e pragmática.

3. "O ÍNDICE DE AUTORES E TÍTULOS DA REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS"

A Fundação Cultural de Blumenau

disse, no convite que a sua dependência: "ARQUIVO HISTÓRICO JOSÉ FERREIRA DA SILVA" com a Universidade Federal de Santa Catarina — UFSC, seriam honrados com a presença de quem comparecesse no ato do lançamento do "Índice de Autores e Títulos da Revista Blumenau em Cadernos. — Obra da autoria das professoras universitárias: (1) Neide Almeida Fiori (UFSC) e Sueli M. V. Petry (Diretora do Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva").

O Convite informou que o evento seria concretizado no dia 05.09 deste ano corrente, no espaço físico nobilitado pelas próprias finalidades da Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller" (Esta Biblioteca imaginada, criada e instalada quando José Ferreira da Silva, foi o governador municipal de Blumenau (01.1938 a 28.06.1941) já a revista "Blumenau em Cadernos" apareceu quando seu autor era residente em Curitiba, PR, e foi pressionado pela necessidade de manter-se alimentado pela blumenauensidade do volume de conhecimentos. Dir-se-ia foi elo de ligação intelectual. Imaginou-a e organizou-a e encaminhou a impressão em tipografias curitibenses. (Cf. do mesmo autor: "Imprensa em Blumenau", pg. 139).

Por este fio de raciocínio compreende-se que o aparecimento de "Blumenau em Cadernos", foi necessidade íntima da personalidade do homem de letras José Ferreira da Silva. Existiu nele a obstinação intelectual caracterizadora do preservador de bens culturais. **Entranhado de blumenauensidades e trabalhado pela enxó do bem querer para identificar-se como arauto, criou o veículo que o imortalizou.**

E por que o aparecimento deste volume, é acontecimento exibidor da inteligência comunitária, bem representada pela Fundação Cultural de Blumenau. É apreciável verificar que quem avaliou a significância de "BLUMENAU EM CADERNOS" foi a dupla formada pelas professoras universitárias Neide e Sueli.

Elas endossam a revista aqui focalizada com as autoridades dos títulos que portam e a confiabilidade que desfrutam na comunidade universitária brasileira. E não é de hoje que ambas são tarefas percuientes de permanente e contagiante zelo pelo passado com competência e altruísmo.

Outros participam na História de "BLUMENAU EM CADERNOS". Desde dos originais para ser veículo impresso, os tipógrafos que compuseram as edições: os de Curitiba, PR que produziram os cinco primeiros números. E dos de cá artífices dos números de seis para frente. Não se tem aqui a palavra certa para o louvor maior homenageando os gráficos operadores da Tipografia impressora desta revista mensal circulando desde 1957. E nem se pode deixar fora José Gonçalves como o responsável, na conformidade da lei régente do que é editado. — FAZ TEMPO QUE JOSÉ GONÇALVES ASSEGURA A CIRCULAÇÃO DA REVISTA que o historiógrafo José Ferreira da Silva inventou. E quando fez isto antecipou-se a imortalidade que a Academia Catarinense de Letras lhe conferiu depois.

Naquele ato consistente no lançamento do "Índice da Revista Blumenau em Cadernos" brotaram sugestões para reflexões: (1) Apareceu a referência concernente à consciência de preservação da

Memória, da qual, foi dotado o tijucano José Ferreira da Silva; (2) O livro lançado caracterizou-se como de abrangência indimensionável; (3) Por consequência apareceu a sugestão que é possível, realizar projeto assemelhado com a revista NOTÍCIAS DE "VICENTE, SÓ" — Brusque ontem e hoje, cujo primeiro número do primeiro ano, é do trimestre jan^o., fev^o. e março de 1977. Esta saiu da imaginação do lembrado Ayres Gevaerd com a colaboração de Oswaldo R. Cabral e Wolfgang L. Rau. E durou o tempo que o seu criador viveu dinamizando a Sociedade Amigos de Brusque.

E se percebeu o revestimento do ato da entrega do referido livro, ser discernimento do jorn. Altair Carlos Pimpão, diretor da Fundação Cultural de Blumenau, marcando-se sensível com gestos, atos e ações preservadoras da Memória.

Nós povo da platéia, que aplaudimos e colaboramos, vindo lá dos tempos do criador da Sociedade Amigos de Blumenau, frei Ernesto Emmendoerfer, OFM., e que testemunhamos José Ferreira da Silva, aplicando inteligência e força de vontade na Fundação "Casa Dr. Blumenau", entendemos, que estes tempos da modernidade, reserva espaço nobre para a louvação das raízes. E quem não sabe sobre elas, não cultua o passado dos ancestrais.

UM ACONTECIMENTO HISTÓRICO

1º Encontro da família Michels

O dia 27 de julho de 1996, marcou em Blumenau, um fato que pode ser considerado como o ponto de partida para mais uma série de eventos de caráter histórico.

É que naquele dia, realizou-se em Blumenau o Primeiro En-

contro da Família Michels, o qual reuniu cerca de 150 pessoas, membros da tradicional família que tem sua história ligada à própria história de Blumenau.

A concentração festiva teve lugar nas dependências do Tabajara Tênis Clube e reuniu descen-

dentos até a quarta geração, procedentes de diversas localidades do país, num entrelaçamento marcante e que oficializou, doravante, tais encontros anualmente. Na oportunidade foi distribuído aos descendentes presentes o primeiro livro de genealogia organizado por Antônio Edmundo Pacheco e Cléia Maria Catarina Bento. Também foram presenteados com um livro de receitas da Família, tendo acontecido ainda uma exposição de bordados e pinturas antigas que procedem de muitos anos e conservados até os dias de hoje pelos descendentes de Henrique Michels e sua esposa Catharina Theiss. A partir do casal-trinco, os descendentes foram se desenvolvendo e, assim, chegou-se, agora, à quarta ou quinta gerações.

História do nome

O sobrenome Michels é encontrado em todas as comunidades da língua francesa, incluindo Luxemburgo, Suíça e Canadá. Originalmente é um nome patronímico, isto é, baseado no primeiro nome do pai do portador inicial. E neste caso, a raiz do nome MICHELS é o nome pessoal MICHEL, a forma francesa de Michael. O nome, na verdade, deriva do Hebreu, significando "Aquele que é igual a Deus". O sobrenome Michel, portanto, indica que são "filhos de Michel", o final "s" sendo o genitivo usado para indicar a descendência.

Somente no início da Idade Média os sobrenomes foram adotados pela primeira vez para distinguir pessoas usando o mesmo nome. Com o crescimento da quantidade de documentação nos

últimos anos da Idade Média, esses nomes tornaram-se essenciais, e a pessoa cujo nome descrevia seu negócio, sua cidade de residência, o nome do pai ou alguma outra característica própria, passou esse nome para seus filhos, e o sobrenome tornou-se hereditário.

Atualmente esse é um dos mais comuns sobrenomes da França e nos países de língua francesa. Ele foi popularizado por Michel (Miguel), o Arcanjo; no início do cristianismo, os pais foram encorajados a colocar nomes de homens santos em seus filhos, com a esperança de obter para eles a proteção divina. Como patrono dos guerreiros Cristãos durante as Cruzadas, o nome Michel (Miguel) era um dos favoritos do século XII em diante.

A nobre família de Michel (Miguel) se uniu em casamento com a família De-Saint-Marc, uma das mais antigas famílias nobre francesas. Nos tempos modernos, o nome é conhecido por diversas formas, com variações que incluem Miche, Michey, Miguel, Miel, Michau e Michelet.

(Estes dados foram extraídos do texto de introdução da genealogia da família)

Em conclusão, resta-nos apresentar as congratulações a todos os membros da família Michels naquele dia reunidos em festivo encontro, cumprimentos muito extensivos aos que se dispuseram a organizar a genealogia da família, que poderá crescer muito nos anos vindouros, com o nascimento de mais descendentes que ocuparão as gerações seguintes.

Um rio que imita o Reno

Grete Medeiros

Com este título, o escritor Vianna Moog escreveu um romance, lá pelos anos trinta. Contava a história de um jovem engenheiro que chegou à cidade onde o romance se desenrola para a construção da "hidráulica", a "caixa d'água". Era uma cidade de colonização alemã, à margem de um rio largo e majestoso, que eu sempre imaginei ser o Itajaí-açu.

Quem olha nosso rio, mesmo ainda hoje, não pode deixar de conjecturar qual seria a primeira impressão do Doutor Blumenau, viajando rio acima em sua canoa e olhando a densa mata virgem. Ele afinal vinha de um país que há muito tinha destruído suas matas naturais.

Provavelmente, ao dobrar a curva da Ponta Aguda, disse para si mesmo "é aqui que vou ficar!" E ficou. Nossa querida cidade começou pelo rio.

O rio foi e sempre será de grande importância para a cidade. Nos primeiros anos da colônia, o rio cooperou em muito na alimentação da pequena população. Os colonos logo aprenderam a usar o caniço, o espinhel e o cove para capturar os peixes que havia com fartura. Carás, mandis, bagres, robalos, cascudos e os saborosos pitus e lagostins. Para quem não conhece, estes últimos são parecidos com as lagostas de mar, só que suas duas "garras" são grandes e carnudas. O pitu, ou camarão de água doce, era facilmente encontrado junto

ao capim da beira do rio e podia ser pescado com um simples ba-baio. Tínhamos um rio de águas limpas e despoluídas.

Os colonos também logo aprenderam que o rio pode igualmente trazer preocupações, prejuízos e tristezas. Neste século e meio de existência da cidade foram inúmeras as cheias. Mas, assim como estes eventos têm seu lado ruim, têm também seu lado positivo. As enchentes levaram à prova o povo blumenauense, que sempre mostrou fibra e persistência, encarando até com certa esportividade a necessidade de começar tudo de novo. Uma enchente é um pesadelo que atinge toda a população, tanto aqueles que dão abrigo, como aqueles que dele necessitam. Um dissabor coletivo que torna todos iguais, fazendo desaparecer muitas diferenças sociais.

Durante muitos anos Blumenau era ligada ao litoral apenas pela navegação. Os primeiros navios foram o cargueiro "Progresso" e o "Richard Paul". Este último naufragou ao ser trazido da Alemanha; seus tripulantes felizmente nada sofreram e voltaram à Europa para buscar um navio substituto, que aqui navegou por muitos anos com o mesmo nome. Entre aqueles tripulantes estava meu então futuro tio Ernie Ott.

Mais tarde chegou o vapor "Blumenau", que transportava passageiros da Itoupava Seca até Itajaí, em uma viagem tranquila e pitoresca. Durante o trajeto era

comum o navio encostar na baranca do rio para fazer embarcar, através de uma tábua na amurada, mais um passageiro que havia acenado com um lenço. A viagem levava muitas horas; saía-se pelas 10 da manhã e a chegada se dava lá pelas 5 ou 6 da tarde. Para os jovens, era uma festa. O navio possuía uma salinha com mesas e cadeiras de vime; bastava levar-se um lanche e uma vitrola com discos para que a festa estivesse feita. Quando os navios chegavam à curva do rio, apitavam, avisando a chegada. O velho "Blumenau" descansa hoje, ancorado na Prainha.

Na altura da Itoupava havia uma ilha, quase no meio do rio. Chamavam-na de "Eichinsel" e e mais tarde de "Ilha dos Amores". Nela havia uma navegação de baixo porte e muito pedregulho. A mocidade lá fazia seus piqueniques e pescadores armavam suas barracas para pescar durante as noites. Por mais de um século, a ilha foi agüentando as enchentes e com elas mudando um pouco, ficando por vezes ligada ao continente por um banco de areia, até desaparecer completamente com a cheia de 1984, quando foi levada pela correnteza sem deixar vestígios. Uma pena!

Os moradores da rua Quinze aproveitavam as margens do rio para plantar suas hortas, estas também afetadas pelas cheias, de ocorrência comum, muitas vezes justamente antes da colheita, quando, longe de desanimar se dizia "agora devemos plantar de novo, pois o rio fertilizou a terra"...

Nosso rio sofreu, e ainda sofre não só com as enchentes, mas

também com as estiagens, mais sensíveis enquanto a única fonte de energia elétrica era a usina do Salto, quando se sofria com o racionamento de eletricidade durante as secas. O rio chegava a ficar coberto por limo, e a disponibilidade de água potável tornava-se crítica, já que muitos poços também secavam, numa época em que ainda não havia distribuição de água tratada. Felizmente estes dias difíceis já se acabaram.

Nosso rio tinha sua praia, a "Prainha", hoje palco de festas de rock, substituta das então distantes praias de mar, inacessíveis para a grande maioria do povo da cidade. Nos dias quentes de verão, a prainha era muito frequentada por banhistas.

O rio também favorecia os clubes de remo, o América e o Ipiranga, cujos remadores se enfrentavam todos os anos. As competições não se limitavam à cidade, e nossos remadores chegaram a conquistar títulos internacionais.

O rio estimulava também a atividade de pescadores amadores, com concursos como o da pesca ao robalo. Destacavam-se neste esporte pessoas como Rudi Weickert, Ulmér Laffront, Celso Silveira, José Laux, Benjamin Galotti, Acrísio Costa, meu marido Luiz Medeiros e meu irmão Hans Baumgarten, que chegou a pegar um robalo de quase quinze quilos!

De alegre lembrança eram, igualmente, os passeios dominicais, quando famílias subiam, geralmente de trem, até o Salto Weissbach ou Badenfurt. As crianças inventavam brincadeiras, os maridos pescavam e as esposas cuidavam do "pão nosso de

cada dia", aliás o "peixe nosso"...

A Ponta Aguda foi, desde o princípio, isolada do restante da cidade pelo rio. Aliás, hoje deveriam existir mais pontes de acesso dado o grande desenvolvimento do bairro. Há anos passados este acesso era, no entanto, ainda mais difícil, já que a travessia do rio era feita por balsas de madeira, uma na curva perto da prefeitura e outra na Itoupava Seca. Todas as duas eram movidas "a braço". Os moradores "do outro lado do rio" tinham bateiras para virem para o "lado de cá" fazer suas compras ou trazer os produtos colhidos em seus quintais.

Quem não se lembra da Jenny Peters, que vinha negociar amoras, moranguinhos, nata e queijo branco de sua chácara?

Minha avó morava na rua Quinze, às margens do rio, e minha tia Lilly Ladenstein, na mesma altura, no outro lado. A

comunicação entre as duas famílias era feita por um apito; quando minha avó queria atravessar, bastava acionar o apito que logo vinha uma bateira do outro lado...

Anos atrás foi construído o "Blumenau II", por meu tio Hans Altenburg. A idéia era levar em passeio blumenauenses e turistas. Há bastante tempo que esta embarcação está ancorada, sem uso algum. Porque não mudar isto? Como seria bom para a população, em festas ou outras reuniões alegres! Fica aqui uma sugestão: Ao se fazer alguma reunião em um clube ou restaurante, porque não no "Blumenau II"?

Feliz é a cidade que possui um rio como o nosso Itajaí-açu, mesmo que, de épocas em épocas, ele se faz sentir com encherentes. Vamos cuidar dele com muito carinho, sem poluí-lo!

EFEMÉRIDE NA FIRMA RONNY PHILLIPPI

Ao entrarmos, no último domingo, dia 1º de setembro, na loja de Ronny Phillippi, estabelecida no Balneário de Penha, fomos obsequiados com um saboroso café enriquecido com não menos saboroso bolo de aniversário. É que os proprietários da firma, Ronny e dona Lindaura Phillippi, estavam comemorando os oito anos de início de suas atividades empresariais naquele balneário, quando instalaram uma pequena casa comercial especializada em materiais de construção.

Passados estes oito anos, a firma hoje é um das mais prósperas do litoral centro e norte catarinense, tendo ampliado substancialmente seu variado estoque, além de estar concluindo o novo prédio no qual já está atuando, no andar térreo, desde o ano anterior.

Parabéns ao sr. Ronny e esposa dona Lindaura pelo sucesso de um trabalho constante, vasado nos mais sadios princípios de seriedade e honestidade.

CAPÍTULOS DA BIOGRAFIA DE UM VELHO TEATRO

A dificuldade em obter recursos para investimentos na área cultural não é de hoje. Mais uma prova disso é a leitura da «Pequena História do Teatro Álvaro de Carvalho», de Paulo Clóvis Schmitz (Org.), Lilian Mendonça Simon, Jali Meirinho e Rodrigo de Haro, publicada por Paralelo 27/FCC (Florianópolis — 1994).

Aos trancos e barrancos, vinte e um anos depois de iniciado, era inaugurado o teatro de Florianópolis, em 7 de setembro de 1875, com o nome de Santa Isabel, mais tarde alterado para Álvaro de Carvalho, em homenagem ao primeiro dramaturgo catarinense. As peripécias para chegar a essa inauguração, com a abertura ao público dessa casa de espetáculos, vem descrita com minúcias nos três ensaios que compõem o volume, acrescidos de um texto de Rodrigo de Haro, onde o poeta e artista plástico capta e põe em palavras «o espírito do teatro.»

Schmitz traça a inacreditável, quase surreal, história da construção do teatro, desde os primórdios, começando pelos primeiros teatros, na Capital, em São José e outras cidades, os espaços adaptados e alternativos, até chegar ao Santa Isabel e daí ao Álvaro de Carvalho. Descreve as paralisações da obra e os desvios de finalidade, através dos tempos, mostrando que só as críticas da imprensa acabaram forçando a conclusão e posteriores reformas.

Lilian, na sua condição de arquiteta, desvenda as transformações do teatro ao longo do tempo, mais no aspecto físico do prédio, num levantamento detalhado, e informando que ele foi tombado pelo patrimônio estadual em 1988 e entregue à guarda da Fundação Catarinense de Cultura (FCC).

Meirinho, em seguida, faz uma súpula biográfica de nosso primeiro teatrólogo — Álvaro de Carvalho (1829-1865). Militar da Marinha, ele faleceu em Buenos Aires, depois de ter lutado na Guerra do Paraguai, quando foi acometido pelo tifo que o levou à morte. Escreveu várias peças que o consagraram como grande autor teatral, entre elas «Pedro Martelli» e «Raimundo», sempre encenadas com sucesso.

Rodrigo de Haro, por fim, procura sentir o velho teatro em seu aspecto espiritual. Busca descobrir todos os seus recantos, suas escuridões, seus segredos e lembranças, sua alma, enfim.

O livro se completa com uma interessante iconografia e estampa na capa autêntica foto do teatro tal como é hoje.

Foi no velho TAC que conheci grandes artistas, como Fernanda Montenegro, Maria Della Costa, Procópio Ferreira e outros, além de declamadores, cantores, conferencistas etc. Nele também vi os espetáculos das companhias de revistas, quando aportavam na Ilha, cujas coristas deixavam a estudantada em polvorosa e provocavam sermões terroristas nas missas domingueiras. E também foi nele que recebi o meu grau de bacharel.

A BIENAL E O LIVRO

Realizou-se em São Paulo, entre 13 e 25 de agosto, a 14^a. Bienal Internacional do Livro, desta vez no Expo Center Norte e não no charmoso pavilhão do Ibirapuera, ele próprio uma obra de arte de Oscar Niemeyer, o que provocou muitas críticas no sentido de que o evento seria muito comercializado, em detrimento do lado cultural. Apesar dessas críticas, a Bienal foi um sucesso sem precedentes, colocando-a num tranquilo terceiro lugar nos eventos mundiais do gênero, perdendo apenas para as de Frankfurt e Chicago.

Distribuídos em 308 estandes, 811 expositores, nacionais e estrangeiros, ofereceram ao público a impressionante quantia de 150.000 títulos de livros de todos os gêneros e sobre todos os temas imagináveis, para adultos e crianças. Eventos paralelos também ocorreram em quantidade, como sessões de autógrafos, exposições, palestras, debates, filmes, vídeos etc. O povo acorreu em massa e mais de um milhão e meio de pessoas visitaram a feira, adquirindo mais de dezesseis milhões de exemplares, segundo cálculos não definitivos. O sucesso incentivou a Câmara Brasileira do Livro (CBL), sua organizadora, a realizá-la todos os anos, a partir de 1997.

Duas expositoras catarinenses estiveram presentes: a Livraria Alemã e sua Editora Eko e a Câmara Catarinense do Livro. A União Brasileira de Escritores (UBE/SP), como nas vezes anteriores, manteve um estande à disposição dos associados. Nosso Estado, infelizmente, foi dos que menos visitantes enviaram à feira.

Apesar do sucesso da Bienal, as pesquisas realizadas em torno dela são preocupantes e revelam que o brasileiro, em sua maioria, não quer mesmo saber do livro. Informam essas pesquisas que a maior parte de nossa gente não leu nenhum livro no último ano, chegando a 90% no caso dos jovens entre 16 e 20 anos de idade, mesmo quando se trata de estudantes e as obras são de interesse da escola, recomendadas pelos professores. Os motivos confessados para não ler são vários, entre eles a pura e simples preguiça.

Em Florianópolis, uma das capitais pesquisadas, 55% não leram um só livro no último ano, mesmo sediando duas Universidades e incontáveis escolas de todos os graus. Imagine-se como será no interior, onde inúmeras cidades não dispõem de livraria ou biblioteca pública. Uma pesquisa em profundidade, em todo o Estado, seria muito oportuna.

Mas o mais grave é que grande número de pessoas acredita que a leitura em nada afeta o País e seu desenvolvimento. Como não existe sucedâneo para o livro, capaz de oferecer um conhecimento sólido e profundo, é de temer pelo nosso futuro. Se um País se faz com homens e livros, como disse Monteiro Lobato, está cada vez mais difícil fazer o Brasil.

VARIADAS

Realizado com muito sucesso o Congresso de História e Geografia de Santa Catarina promovido pelo Instituto Histórico e Geográfico

(IHGSC), comemorativo do centenário da instituição. *** O mesmo IHGSC recebeu, em sessão solene, o Dr. Alberto Romão Madruga da Costa, Presidente Regional dos Açores, a quem conferiu o título de sócio-honorário. *** «Antiques», galeria de móveis e objetos antigos, promoveu mais um de seus leilões de antiguidades, eventos que já se tornam tradicionais em nosso Estado. *** Três livros jurídicos de autores catarinenses acabam de ser lançados: «Ação Civil Pública», de Paulo de Tarso Brandão, e «Comentários à Lei Orgânica Nacional do Ministério Público», de Pedro Roberto Decomain, ambos colegas do Ministério Público, e ainda «Aspectos Destacados dos Juizados Especiais Cíveis e Criminais», de autoria do mesmo Paulo de Tarso Brandão e do Desembargador Pedro Manoel Abreu, ex-juiz de Blumenau, e com quem tive ocasião de trabalhar em duas oportunidades. *** Está circulando mais um número — o 58 — da «Revista de Divulgação Cultural», publicada pela Universidade de Blumenau, aceita como o veículo de discussão cultural mais importante do Estado. Anuncia-se também que a FURB editará uma revista jurídica. *** Realizou-se no Shopping Neumarkt uma feira blumenauense de livros, promovida pela Fundação Cultural, com muito sucesso, presença de público e eventos paralelos. *** A Universidade do Contestado (UnC), em seu **campus** de Canoinhas, promoveu a XI Feira do Livro, com palestras, lançamentos e outros eventos. *** Circula mais um número de «Ô Catarina!», publicado pela FCC. Além do péssimo nome que carrega, o suplemento está cada vez mais magro e mais feio. *** Aos interessados em música popular e sua história, lembro o livro «Celly Campello, a rainha dos anos dourados», de Thiago Menezes (Rua Joaquim Nabuco, 238 — 13970-000-Itapira/SP).

“VIVA-A-VIDA” RECEBE MAIS ADEPTOS

No dia 15 de agosto passado, aconteceu mais um encontro-almoço do grupo de aposentados que formam o “clube” sem estatutos, mas já com muita história, “Viva-a-Vida”. O ágape fraternal e muito concorrido teve lugar, desta feita, na churrascaria do bosque do Bela Vista Country Clube, já que, devido o cada vez mais elevado número de integrantes, o espaço existente na chácara do amigo Benjamim Margarida está ficando pequeno.

No encontro do dia 15 de agosto, aconteceu a presença de novos adeptos, que vieram, as-

sim, fortalecer e enriquecer o grupo de aposentados. Eis a relação dos que se inscreveram naquele último almoço: Aldo Pereira, Walter Freitas, Alfredo Buerger, Hans Raun, Osny Serpa, Alfredo Mueller, Eddie Grosenbacher, Aziz Schead, Alberto Mertens, Hilário Torresani, Luiz C. Neia, Oscar Leitão, Abel Ávila dos Santos, José Coelho, Cezar Cim e Renato de Mello Viana.

O próximo almoço-encontro, acontecerá no dia 21 de novembro próximo e será o último do corrente ano e deverá ocorrer no Bela Vista Country Club.

REMINISCÊNCIAS DE ASCURRA

ATÍLIO ZONTA

ALEANDRO BASTIÃO DALFOVO ASSUME O CARGO DE PREFEITO MUNICIPAL DE ASCURRA

A 31 de dezembro de 1966, às 16:00h, compareceu ao edifício da Prefeitura de Ascurra, Aleandro Bastião Dalfovo, Prefeito eleito do município, no pleito de 15 de novembro. No recinto da Câmara de Vereadores foi empossado no cargo de Prefeito cuja diplomação pela Justiça Eleitoral de Indaial ocorreu em 10 do mesmo mês. O Tenente Coronel Amaro Medeiros de Vasconcelos, Interventor Federal do município, abriu as solenidades de transmissão do cargo, formando uma comissão composta dos vereadores, Olivo Chiste e Leopoldo Sandri, para introduzir no Gabinete o Prefeito eleito, que foi recebido com uma calorosa salva de palmas. Grande número de ascurrenses e todas as autoridades civis, religiosas e militares de Ascurra, fizeram-se presentes. Inicialmente, usou da palavra o Interventor Federal, que em belas e emocionantes palavras fez sua despedida, agradecendo a todos os seus colaboradores diretos, principalmente, o presidente do Legislativo Municipal, Antônio Dalfovo, bem como, a todos os senhores Vereadores, pela grande colaboração tida em prol de sua missão, ressaltando igualmente a atuação do Secretário Executivo, Dr. Arlindo Ferrari e agradecendo, por igual, a todos os funcionários e operários da Prefeitura. Fez, a seguir, uma síntese de sua administra-

ção durante seu período administrativo como Interventor, desculpando-se, se mais não pôde fazer, dizendo entretanto, que tinha plena certeza que Ascurra iria ter um porvir fecundo porque está entregue nas mãos de um filho ascurrense que está em condições e tem possibilidades de muito realizar. Apanhado de grande emoção, o Interventor pediu ao seu sucessor que cuidasse bem dos ascurrenses, pois, leva consigo imorredouras saudades e pedindo a Deus que abençoe a todas as famílias ascurrenses. Finalizou em um emocionante, adeus. A seguir, usou da palavra, o Prefeito Aleandro Bastião Dalfovo, agradecendo em nome dos ascurrenses a obra renovadora do Tenente Coronel Amaro Medeiros de Vasconcelos, comprometendo-se a continuar no mesmo trabalho edificante de seu ilustre antecessor e prometendo aos ascurrenses dar melhor de si mesmo para a realização e concretização de todas as reivindicações do povo de Ascurra. Finalizou suas palavras, renovando em nome dos ascurrenses os seus agradecimentos e reconhecimento ao Tenente Coronel Amaro Medeiros de Vasconcelos, almejando a ele e à sua Exma. Família, longos anos de felicidades. Dr. Arlindo Ferrari secretariou a posse do Prefeito eleito, Aleandro Bastião Dalfovo.

Decreto que cria no lugar Guaricanas I uma escola municipal em 1939

Frederico Hardt, Prefeito Municipal de Indaial, usando das atribuições que lhe são conferidas:

Considerando que no lugar Guaricanas I do distrito de Ascurra há número suficiente de crianças em idade escolar;

Considerando que na mesma localidade há prédio e mobiliário para o funcionamento de uma escola,

DECRETA:

Art. 1º. — Fica criada no lugar Guaricanas I, do distrito de Ascurra, uma escola municipal sob a denominação de “Barão do Rio Branco”, cujo regente perceberá os vencimentos previstos em Lei.

Art. 2º. — O presente Decreto-Lei entrará em vigor nesta data.

Prefeitura Municipal de Indaial, em 28 de fevereiro de 1939.

Frederico Hardt
Pedro Ferreira

Designação honorífica aos colaboradores da revista “Blumenau em Cadernos”

No dia 5, a Fundação Cultural de Blumenau, pelo seu Presidente Altair Carlos Pimpão, foram agraciados com o título de

BENEMÉRITO, todos os colaboradores da Revista “Blumenau em Cadernos” em reconhecimento aos serviços que prestaram à Instituição e, em especial, à Revista.

Este Ato, bem exprime uma recompensa pelo esforço, dedicação espontânea e desinteressada de todos os colaboradores que procuraram emprestar à Fundação.

Portanto, ao sr. Altair Carlos Pimpão, o nosso agradecimento por essa designação honorífica que acabamos de receber.

Para o jornalista José Gonçalves, editor responsável, sempre possuído de vivo espírito cívico e que nunca nos faltou com as suas iniciativas em prol da Revista, somos-lhe gratos.

E nesta feliz oportunidade, oferecemos o melhor do nosso carinho, que é o transbordamento de corações amigos, às professoras Neide Almeida Fiori, da Universidade Federal de Santa Catarina e Sueli M. V. Petry, Diretora do Arquivo Histórico, pelo lançamento do livro intitulado “Índice de Autores e Títulos da Revista “Blumenau em Cadernos”. Parabéns.

E, a todos os funcionários da Fundação Cultural de Blumenau, o nosso

Muitíssimo Obrigado.

REGISTROS DE TOMBO DE BRUSQUE (VIII)

Pe. Antônio Francisco Bohn

136 — Mandamento sobre o recenseamento geral da população do Brasil, em 15.06.1910.

137 — 140 - Dispensas matrimo-

niais: Carlos Scharf e Luiza Kormann/Frederico Seefeld e Maria Furtado/João Zabel e Maria Shork/Francisco Pedrini e Mathilde Bonomini/.

141 — Provisão de vigário encômendado, em 31.12.1910.

142 — 153 - Provisão de celebração de Missas, para as capelas da Paróquia.

154 — Provisão de confessor ordinário ao Pe. Henrique Lindgens vigário.

155 — Provisão de confessor e instrutor ao Pe. Henrique Meller.

156 — Provisão de celebração dos sacramentos ao Pe. Meller.

157 — Provisão de coadjutor paroquial ao Pe. Fernando.

158 — Provisão de coadjutor ao Pe. Pedro.

159 — 161 - Provisão de faculdades aos sacerdotes.

162 — 163 - Provisões anuais dos Conselhos de Fábrica.

164 — 174 - Provisões anuais dos zeladores de capelas.

175 — Provisão para batismo.

176 — a) Dispensa Matrimonial: (Germano Dallago e de Rosália Benvenuto).

Termo de Visita de Dom João Becker, em 27.05.1911.

176 - b) 181 - Dispensas matrimoniais, Manoel Joaquim Quintino e Isabel Quintino/Bernardo Groh e Elisabeth Scharf/José Sebastião Keller e Emma Vilvok/ Evilásio Gevaerd e Carolina Rosa Müller/Zeferino Antônio e Sebastiana de Jesus / em 07.09.1911.

182 — Carta coletiva de 1910.

183 — Provisões de vigário a favor do Pe. Henrique Lindgens, em 31.12.1911.

184 — 189 - Provisões aos coadjutores e faculdades aos sacerdotes.

190 — 201 - Provisões de celebração de missas para as capelas.

202 — 206 - Provisões dos zeladores das capelas.

207 — 215 - Provisões dos fabri-queiros.

216 — 217 - Provisões de instrutores e confessores das Irmãs da Divina

Providência, em 31.12.1911.

218 — Santas Missões, em março de 1912.

219 — Provisões de vigário forâneo ao Pe. Lindgens, em 31.12.1911.

220 — Decreto da criação da Nova paróquia de São José em Porto Franco, em 31.07.1912.

221 — 229 - Dispensas Matrimoniais.

230 — 252 - Provisões anuais de Celebração de Missas, Zeladores e Conselhos de Fábricas das Capelas.

253 — 266 - Provisões de vigário, coadjutores, confessor ordinário e extraordinário e faculdades aos sacerdotes

267 — 269 - Provisões anuais das capelas: missas e conselhos de Fábrica.

270 — 272 - Dispensas matrimoniais.

273 — 1a. Carta Pastoral de Dom Joaquim Domingues de Oliveira, em 13.09.1914.

274 — 2a. Carta Pastoral de D. Joaquim, em 04.10.1914.

275 — 289 — Dispensas Matrimoniais, Provisões de Confessores. Celebração de Missas, zeladores e Conselhos de Fábrica para 1916.

290 — Instrução sobre os Crisma, em 06.11.1915.

Provimento da Visita Pastoral de Dom Joaquim Domingues de Oliveira, em 28.09.1915.

291 — 3a. Carta Pastoral de Dom Joaquim.

292 — Provisões de vigário, coadjutores, faculdades, dispensas matrimoniais, , celebração de missas, zeladores e Conselho de Fábrica para 1917.

Anos de 1918-1919

1—7 — Provisões em favor do vigário e coadjutores.

8— 10 — Provisões de faculdades aos sacerdotes para 1918.

11—12 - Provisões anuais para as

capelas da Paróquia.

13—16 — Provisões aos Zeladores.

17—23 — Provisões dos Conselhos de Fábrica.

24—39 — Dispensas Matrimoniais.

40 — Provisão de Vigário em favor do Pe. Meller.

41— 61 — Provisões dos coadjutores e faculdades aos sacerdotes para 1919, dispensas matrimoniais, Zeladores e Conselhos de Fábrica.

Ano de 1920

1 — Dispensa matrimonial (Frederico e Amália Haendchen) em 12/01.

2 — Provisão da Comissão da reconstrução da capela em Nova Itália em 13/01.

3 — Provisão de vigário encarregado da paróquia de Porto Franco ao Pe. Carlos Keilmann, em 24/01.

4 — 13 - Provisões das capelas da Paróquia, em 31/01.

14 — 24 - Provisões dos fabriquiteiros em 31/01 e zeladores das capelas.

25 — Licença para Celebração de Missa e administração dos sacramentos na Capela de Nova Itália, em 31/01.

26 — Licença para benzer a Imagem de S. Isabel, em 03/02.

27 — Circular sobre licenças para abertura de escolas Católicas, em 19/03.

28 — 29 - Dispensas Matrimoniais: Donário Novaes e Maria da Conceição /Francisco Laurindo e Maurícia de Souza, em 22/04.

30 — 32 - Licenças para receber na Igreja Católica: Eleonira Robloska, Rosa Westphal, em 30/06.

31 — 34 - Dispensas matrimoniais, em 30/06.

33 — Bênção da Imagem de Nossa Senhora das Dores (Cedro Grande), em 30/06.

35 — 36 — Dispensas matrimoniais, em 19/07.

37 — Provisão de vigário ao Pe. Henrique Lindgens, em 19/09.

38 — 39 — Autorização para receber na Igreja católica a Sra. Emma Keller, Bertha Schäfer e Adele Scharf, em 01 e 09/10.

40 — Licença para conservar o SS. Sacramento na capela da residência dos padres, em 09/10.

41 — Provisão de coadjutor para o Pe. José Bollinger, em 16/10.

42 — 44 - Provisão de faculdades ao Pe. Lourenço Fokins, Pe. Castor Britzen, e Pe. Antônio Wollmeier, em 18/10.

45 — Autorização para receber na Igreja Católica o Sr. Guilherme Augusto Krieger, em 04/12.

46 — 47 - Provisões de encarregado da Paróquia e Administrador Diocesano do Hospital ao Pe. Antônio Wollmeier, em 09/12.

1921:

1 — Provisão de vigário ao Pe. Antônio Wollmeier, em 24/01.

2 — Provisão para que o vigário e coadjutores de Brusque atendam a Paróquia de Porto Franco, em 24/01.

3 — Provisões de coadjutores aos padres José Bollinger e Vicente Britzen em 24/01.

4 — Dispensa matrimonial em favor de Alexandre Gevaerd e Aurora Araújo, sem data.

5 — Provisões de Conselhos de Fábricas, em 31/01.

6 — 7 — Provisões de zelador de Lageado, em 31/01.

8 — 9 - Provisões de Conselho de Fábrica e da capela de Planície Alta, em 31/01.

10 — 11 - Provisões de zelador da Capela de Ribeirão do Mafra, em ... 31/01.

12 — 13 - Provisões do conselho de Fábrica e da Capela de Cedro Grande, em 22/02.

14 — 15 - Provisões de zelador da capela de Cedro Pequeno, em 31/01.

16 — 17 - Provisões de zelador da capela de Ponta Russa.

18 — 19 - Provisões de zelador da Capela de Poço Fundo.

20 — 21 — Provisões de Conselho de Fábrica e da Capela de Limeira.

22 — 23 - Provisões de Conselho

de Fábrica e da Capela de Guabiruba.

24 — 25 - Provisões de Conselho de Fábrica e da Capela de Barracão, em 22/02.

Curiosidades de uma Época - LIII

A GRANDE DAMA ANNA HOEPKE

S. C. Wahle

1995

Quando Gisela Ruehle, então minha noiva, foi transferida da cadeia pública de Blumenau, para Florianópolis, ficou retida no porão da então Delegacia de Ordem Política e Social, onde já se encontravam presas duas ex-enfermeiras do Hospital Kroener de Ibirama, então Hansa Harmonia. O primeiro assunto que as duas enfermeiras abordaram, foi reclamar da comida. Gisela que era extremamente compreensiva, não tomou conhecimento e resolveu esperar os acontecimentos. Ao receber a primeira refeição à noite estranhou que esta vinha do restaurante do melhor hotel de Florianópolis da época. Não queria aceitar, alegando que ela não tinha pedido esta refeição. Foi informada que fora a Frau Hoepke que instruíra aquele restaurante do fornecimento das refeições. O pessoal da delegacia informou ao restaurante que eram três as presas e a partir do dia seguinte o restaurante passou a enviar quantidades maiores. Como a Gisela não tinha muita simpatia por sobremesas doces, costumava dá-las aos carcereiros que as recebiam com muito agrado. Assim durante seis meses o restaurante enviara as refeições. Quando a Gisela recebeu a notícia que fora liberta, estava sem dinheiro. Te-

lefonou a uma amiga de uma amizade que já perdurava vinte e um anos, para pedir o suficiente para poder viajar à Blumenau. A amiga, com medo de entrar em contato com alguém que estivera presa, mandou dizer que não podia atendê-la. A solução era procurar a empresa de ônibus e pedir uma passagem pagável em Blumenau. Casualmente um dos donos da empresa de ônibus de Blumenau estava presente, não só atendeu à ela, como ofereceu a passagem livre de pagamento.

O passo seguinte foi procurar a Frau Hoepke, como era conhecida Anna Hoepke, que além de não a conhecer, nunca a tinha visto, para agradecer o suprimento das refeições durante seis meses. A Frau Hoepke recebeu-a toda sorridente, feliz por ver a Gisela livre, convidou-a para um café, e ao se despedir, deu de mão fechada uma certa quantia de dinheiro para poder viajar, recomendando-a jamais voltar ao assunto do dinheiro e das refeições, muito menos restituir o dinheiro.

Certa ocasião, ao visitar o túmulo de minha irmã em Florianópolis, passei pelo túmulo de Anna Hoepke, parei e pensei comigo mesmo:

“Era uma grande Dama”.

Andanças com bicicleta pelo Vale do Itajaí entre 1912-1938

(Escrito por OTTO STANGE)

(Traduzido do alemão por seu filho ERICH STANGE em outubro de 1994)

(Continuação do número anterior)

Ao redor, uma velha cerca de palmitos. Em seguida encontrei uma escolinha. No momento os alunos estavam saindo. Com admiração olharam a bicicleta, que certamente nunca tinham visto, tamanha a curiosidade demonstrada. Empurrando-a numa subida, fui acompanhado por alguns deles. Deixei que montassem, e eu empurrando morro acima, a rapaziada se revezando alegre e gritando de entusiasmo. Mas aí veio um trecho onde pude andar e me despedi dos rapazes que me seguiam admirados, vendo a velocidade que eu alcançava. Finalmente cheguei a Pouso Redondo, onde visitei o Fritsche e seguindo a estrada grande, fui até Pombinhas, onde pernoitei na casa do meu velho amigo de Blumenau, August Michels. À noite houve chuva e eu queria ir a Taió. Amanheceu com chuvinha fina. Olhei para o céu, mas a chuvinha não queria terminar. Mesmo assim, resolvi ir adiante. Mas pedalar ficou só na vontade. Devido à chuva, a estrada virou um lamaçal, que grudava nas rodas de tal forma que nem empurrar dava mais. Procurando as poças de água, para limpar a lama, dava para prosseguir um trechinho. Algumas vezes fui obrigado à carregá-la até à próxima poça de água. Todo o trecho, de Pombinhas até a entrada de Taió, era assim. À tardinha, finalmente, cheguei ao destino.

Lá encontrei um dos meus antigos aprendizes, Leopold Kluge, que tinha montado um bom hotel. Encontrei uma turma de geólogos que estavam estudando o solo, à procura de minerais; quais, não fiquei sabendo. Encontrei ainda

mais dois conhecidos de Salto Weissbach.

Terminei as visitas comerciais rapidamente e como o tempo não melhorou, pernoitei; no outro dia a chuvinha continuava. Os dois conhecidos de Salto Weissbach me propuseram alugar uma canoa e descer o Rio do Oeste até Rio do Sul. Lancha a motor ainda não havia por lá. A estrada, com esta chuva, era intransitável. Assim, aceitei a proposta e, cedinho, com a carroça que recolhia o leite, fomos até o salto, onde havia um canoieiro de aluguel. Durante o trajeto que fomos com a carroça, tive de agüentar a bicicleta, sentado na quina de uma tábua do lado ou em cima da tampa de um latão de leite, com a estrada toda esburacada, sacolejando de um lado para o outro. Percorremos assim uns três quilômetros até o salto. Lá encontramos o canoieiro com seu veículo e negociamos a viagem. O mesmo nos acompanhou, exigindo revezamento no remo, o que também aceitamos. E lá fomos nós, rio abaixo, a partir das dez horas da manhã, remando onde não tinha correnteza e as horas passando. Hora do almoço; parada de quinze minutos. Comida havíamos levado para aquela ocasião. A chuva, praticamente tinha parado. Seguimos adiante, rio calmo, o remo passando de mão em mão. Começou a esquentar e tiramos nossas camisas. Começou a escurecer e lanterna não havíamos levado. Tivemos que tomar cuidado com galhos e árvores caídas, além dos cabos de aço das balsas, que estavam à flor da água, devido às chuvas. Na Barra do Pombas e do Trombudo os cabos das balsas quase emborcaram a canoa.

Tivemos que remar até sentir câimbras nos braços. À meia noite, chegamos em Rio do Sul. Tudo escuro, hotéis já fechados. Mas um dos proprietários, meu conhecido, Sr. Kirsten, depois que fizemos barulho, nos atendeu e ainda conseguimos um banho quente e boas camas, apesar da hora. Só o jantar ele não tinha condições de preparar, pois o pessoal da cozinha tinha ido para casa. Assim, tomamos umas cervejas, alguns biscoitos e fomos dormir.

Após 14 horas de remo, o sono logo chegou. Na manhã seguinte, tomei o trem, que naquele tempo já atingia Rio do Sul e cheguei em casa, são e salvo. Tudo azul. Final feliz. Mas numa outra ocasião tive mais sorte com o tempo. Saí de Trombudo Central e cruzei, em bicicleta, direto para Pouso Redondo e mais adiante, até Taió onde pernoitei. Acordei numa bela manhã do dia 25 de julho. A estrada estava sequinha e boa; tomei a bicicleta e retornei. Passei por Barra das Pombas (Rio do Oeste) e Mosquito (Laurentino) e cheguei em Rio do Sul ao meio dia. A cidade estava em festa; um pequeno almoço e continuei. Lontras também em festa. Desci a serra e cheguei em Subida. Seguindo, passei Morro Pelado, Apiúna, Ascurra e aí começou a escurecer. Warnow já passei no escuro, pelas seis da tarde. Inverno com dias curtos. Mais alguns minutos e cheguei em casa, abatido pelo esforço, e com câimbras nas pernas. Naquele dia percorri aproximadamente 160 quilômetros em dez horas, numa estrada macadamizada, e quase sem paradas. O ar fresco do inverno ajudou. No verão não teria sido possível. Indaiá também festejou o 25 de julho, com algumas apresentações à noite; mas preferi a cama. No outro dia, já descansado, ainda sentia dores nas pernas, mas estas também logo passaram. Tudo bem, mais uma aventura e isto é o que valeu para mim.

QUASE DESASTRE

Novamente viajei para Trombudo

Central. Cheguei, fiz meus negócios e ao anoitecer, iniciei o retorno a Rio do Sul. Ameaçou uma trovoada e a chuva começou, quando atravessasse Agrônômica. Continuou a escurecer. Raio após raio descia, com trovões que sacudiam tudo. Escureceu de vez, e só no momento dos raios havia orientação; mas estes eram quase ininterruptos. A chuva fortíssima me cegou. Vi luz numa casa à beira da estrada. Parei, bati palmas e chamei: Ô de casa. Apareceu um homem a quem pedi permissão de ficar na varanda até a chuva forte passar. Iluminou-me com um lampião de querosene e reconhecemo-nos como velhos conhecidos de Blumenau. Era o senhor Felix Deeke. Conversamos animadamente sobre os velhos tempos passados e as horas foram passando. A luz elétrica tinha apagado logo no início da trovoada e finalmente a chuva escasseou. Me despedi e voltei à bicicleta. Com muito cuidado fui andando na escuridão. Mais adiante, alguém estava sacudindo um lampião no meio da estrada. Uma árvore caiu sobre um poste de iluminação elétrica, derrubando-o. Poste, galhos, fios, tudo um emaranhado, empediam o trânsito. Por sorte havia parado no Deeke. Caso tivesse seguido adiante naquela escuridão e chuva, poderia ter entrado naquele emaranhado e levado um bom tombo, pois o homem da lanterna só apareceu ali depois de terminar a chuva. Assim, contornei o obstáculo e segui adiante, são e salvo. Chegando em Rio do Sul, fui ao hotel e, antes de dormir, agradei a Deus que me preservou de uma queda ou de ser eletrocutado.

No dia seguinte segui até Ituporanga e de lá retornei no outro dia à tarde para Rio do Sul. Ainda longe do meu destino, começou a escurecer. Fui devagar, mas sempre adiante. De longe já via as primeiras luzes da estrada. Fiquei ofuscado. Perto do Brattig havia um pontilhão com muros nos lados. Conhecia o pontilhão e fui com cuidado descendo o declive da estrada. Mas ofuscado,

de repente senti uma forte batida. Tinha errado a ponte e fui contra o muro ao lado, que era baixo. Caído, fiquei sentado nas pedras do muro e a bicicleta aos meus pés. O barranco do rio era alto. Se tivesse caído lá em baixo, não sei o que teria acontecido comigo. Novamente a Providência Divina me protegeu. Com um susto danado, pois nem a bicicleta ficou danificada, me levantei e parei no Brattig para me limpar. Encontrei lá, outro meu conhecido, o Sr. Otto Ahrendt, que estava lá de visita. Passei algumas horas alegres com eles e fui ao meu hotel em Rio do Sul, onde novamente agradei à Deus.

Este choque contra as pedras da ponte me fez lembrar do meu primeiro passeio de automóvel. Ainda morava em Blumenau e tinha negociado um carro já usado, que foi trazido pelo vendedor num domingo de manhã. Como não estava em casa naquele momento, ele estacionou o carro no pátio da minha casa. Chegando em seguida, vi o carro. — Já que é meu, poderei usá-lo. Naquela época as estradas em Blumenau, e em especial, a rua São Paulo, era de pouco movimento e naquela manhã de domingo, quase não havia trânsito. Nunca havia dirigido um automóvel. Mesmo assim, me sentei no volante e comecei a mexer nas alavancas e botões. De repente, o motor começou a roncar e com mais alguns movimentos, a andar. Devagar fui saindo pelo pátio, e esbarrei contra um monte de tábuas que havia ali. Derrubei todo o monte, mas ao automóvel nada aconteceu. Devagar, fui pela estrada até a velha ponte do ribeirão da Velha. Alguns amigos meus presenciaram a minha saída. Me orientavam e advertiam que a ponte era estreita, mas bastante larga para um carro; era só passar no meio. Chegando lá, ainda observei uma placa com dizeres: "Devagar — ponte estreita". Pensei ainda: — esta placa é desnecessária, pois todo mundo vê que a ponte é estreita. Não acabei meu raciocínio, pois, não

acertei o meio da ponte, mas sim, a placa ao lado, que acabou caindo. Estava bem firme e agüentou o tranco, curvando-se só para o lado; mas salvando o carro de cair no rio. Alguns homens vieram correndo e com algum esforço, conseguimos colocar o carro novamente na estrada; mas pela ponte, naquele dia, não passei mais. O susto que tomei, foi grande demais. Manobrei o carro e fui até a estrada da Jararaca, hoje Vila Nova. Manobrando para lá e para cá, consegui colocar o carro em posição para iniciar a volta para casa, onde cheguei são e salvo, passando pelo portão. Entrei na garagem provisória, mas tinha dado gás demais. Fui contra a parede de tábuas do fundo, que tombou totalmente. Felizmente o pára-choque era forte e o carro também desta vez, nada sofreu.

Este episódio me veio à lembrança, quando estive sentado nas pedras da ponte, com a bicicleta aos meus pés, lá perto de Rio do Sul e assim, resolvi registrar o acontecido aqui, pois também foi quase um desastre.

FERRO QUENTE

Saí de Indaial, fui a Timbó e de lá, para Rodeio, onde admirei os belos arrozaes já amarelos, quase maduros. Fui pedalando, com plantações em ambos os lados da estrada. Cheguei perto dos morros, onde outra riqueza se fazia presente, o tabaco. Este estava prometendo boa safra. Era janeiro e muito quente, mas por sorte, naquele dia havia uma brisa amena. Por isso, em Rodeio, resolvi ir mais adiante. Fui ao Guaricanas onde também havia arroz em abundância. Havia muitas parreiras de uvas que são cultivadas pelos colonos, na maioria italianos. Lá chegando, bem disposto, resolvi transpor também o morro do Guaricanas para chegar à região de Ibirama. Assim, segui pelo vale do Guaricanas, subindo sempre. Havia arroz, milho, tabaco, uvas, onde o terreno o permitia. Mesmo em quadras minúscu-

lãs o arroz era plantado. Mas quanto mais avançava, mais estreito o vale ficava e não demorou muito, tive barrancos altos em ambos os lados da estrada. O ribeirão virou cascata, pulando de pedra em pedra. O pouco arroz que ainda aparecia perto de uma casa ou outra, ainda estava verde e mais baixo do que em Rodeio, por causa da água muito fria. Também o sol, devido aos morros, aparecia pouco. Pedalando, devagar fui ficando cansado e a bicicleta parecia que estava emperrando. Parei numa casa e pedi um pouco de graxa e passei na corrente e no eixo. Mesmo assim, ainda tive dificuldades em pedalar. A subida era íngreme demais. Passei a empurrar, pensando ter chegado ao topo. Engano meu, em zigue-zague o caminho subia sempre e já não havia mais casas, só capoeira e depois mato grosso e a subida continuando. Não imaginei que fosse tão alto. Já eram duas horas da tarde. O caminho, muito lavado pelas recentes chuvas, dificultava o trânsito. Resolvi descansar num gramado ao lado da estrada, onde me deitei por algum momento. Não havia gente por perto; estava só, naquele morro.

Levantei e prossegui. Finalmente cheguei ao topo, na divisão das águas. O caminho começou a descer e montei na bicicleta. A descida era violenta. Tive que frear constantemente e tomei muito cuidado nas curvas e nas valas da estrada lavada. Fui margeando um ribeirão, o Sellin, que ia ficando mais largo, pulando de pedregulho em pedregulho pelo leito. Tive de ultrapassá-lo por diversas vezes. Ponte não havia. Arcegecei as calças para atravessá-lo. Quando a água alcançou o eixo traseiro, ouvi um chiado. Estava quase em brasa, de tanto frear. Não tinha pensado nisso, pois quase fundi as engrenagens. Seguindo, constatei que ainda estava tudo em ordem. O eixo nada sofreu. Chegando ao Vale do Sellin, encontrei as primeiras casas. Os moradores me olhavam admirados. Fui adiante e finalmente à noite,

cheguei em Neu-Berlin (Bela Vista), onde pernoitei na casa do meu cunhado. Quente era a estação do ano; quente fiquei na subida do morro. Na descida quem ficou quente, quase fundindo, foi o eixo da minha querida bicicleta. Portanto: Ferro quente!

QUASE NO OLHO

Vim de Brusque. Passei por Gaspar e Blumenau. Subi pela rua Bahia. Já estava escurecendo quando cheguei em Passo Manso. Era inverno e já passava das seis da tarde. A viagem transcorreu normalmente e faltavam poucos quilômetros para chegar em Indaial. Pensativo e pedalando sempre, fui seguindo meu caminho. Os olhos a gente deve ter sempre bem abertos quando fica escuro. Faltavam só oito quilômetros. No morro do Seidel, acima de Passo Manso, comecei a descida e, cuidadosamente fui pedalando, freiando, conforme a necessidade. Escutei barulho de uma carroça na minha frente. A carroça, puxada por dois cavalos, era do tipo de carregar toras. O homem, sentado no eixo traseiro, deixava penduradas as pernas, como costumavam fazer naquela situação. Consegui passar por ele, cumprimentando-o com um boa noite e quando atingi novamente o meio da estrada, notei, ainda em tempo, outra carroça idêntica. Mal conseguí passar por esta, o que é isto? Veio uma terceira carroça, do mesmo tipo, e esta, vi tarde demais. Entrei com meu veículo entre a roda da frente e a trazeira, encostando na perna do carroceiro. Este, assustado, parou a carroça, que ia muito devagar. Caí em cima do homem, o que reduziu a minha queda. Ele ficou bravo e me xingou, dizendo que cuidasse mais onde andava. Eu não tinha luz na bicicleta, mas ele também não tinha lampião, que geralmente as carroças usavam no escuro. Mas o homem não queria se acalmar. Pedi desculpas, dizendo que poderia ter furado um olho na queda, "ging beinahe

ins Auge", uma expressão em alemão. Ele respondeu, que deveria abrir mais os olhos, e com o chicote, me ameaçou. Apalermado, me apresentei, dizendo meu nome. Aí ele me reconheceu; era freqüês da minha loja. Com desculpas recíprocas, a situação ficou calma; peguei a minha bicicleta, que felizmente nada sofrera. Não encontrei mais carroças no caminho. Com os olhos bem abertos e muita atenção, fui adiante, cuidando para ficar sempre no meio da estrada, afim de não cair nas valetas profundas. Assim, sem mais ocorrências, cheguei em casa.

Agora me lembro: lá no Passo Manso, já tive um caso. Uma vez, saindo de Indaial cedinho, rumo a Blumenau, envolvido em meus pensamentos, fui descendo o comprido morro de Passo Manso e numa curva bem fechada, entrei na areia que tinha se acumulado. Derrapei, caí com as mãos esticadas para frente, por cima da bicicleta. Devido a velocidade da descida, escorreguei com as mãos e joelhos uns dois metros. O resultado foi desastroso. Mãos e joelhos sangrando bastante. A perna esquerda da calça rasgada. Especialmente o joelho esquerdo me doía muito. A casa próxima era dos Doell. Fui mancando, empurrando a bicicleta, até lá. A Frau Doell, assustada, foi a samaritana. Fez água quente e me lavou mãos e pernas, passando bandagem na perna esquerda. Ralhou comigo, dizendo para cuidar mais. Dei razão a ela, prometendo mais cuidado para o futuro. Com linha e agulha, costurou o rombo da perna da calça, limpando-a o quanto possível e lá fui eu, com desculpas e um muito obrigado, calça remendada, todo dolorido. O retorno fiz via estrada de ferro. Chegando em casa, tive de ficar na cama durante uns catorze dias, pois o joelho engrossou e inchou de tal forma, que não entrava mais na calça. Mas com descanso, ficou bom novamente. Mais tarde, repeti por diversas vezes este trajeto, mas naquela curva tomava cuidados especiais,

conforme prometi à boa senhora Doell, sempre freiando antes da curva, passando ali com cuidado. Aprendi a lição. Mas será que aprendi mesmo? Em muitas viagens posteriores, aprontei outras bobagens. Parece que nunca se aprende o bastante. Com o tempo e a chegada da idade mais avançada, fui obrigado a renunciar às constantes viagens. Fui ficando mais velho, mas não mais sabido. Mas, naquela curva nunca mais caí. Contorná-la aprendi. Olho aberto!

VIAGEM NORMAL, SEM ALTERAÇÕES

Meu destino era Joinville. Teria de parar para negócios, em Jaraguá do Sul e Guaramirim. De manhã cedinho, tomei a bicicleta e, pedalando, fui a Timbó, onde a estrada clareada pelo luar, tomei a Pommerstrasse em direção a Pomerode. O morro alto antes de Pomerode deu serviço. Na subida, como na descida, tive de desmontar e empurrar ou conduzir a bicicleta. As descidas eram perigosas devido às curvas fechadas. Mas com a clarear do dia, cheguei bem em Pomerode. O comércio ainda não tinha aberto. Seguí adiante. O dia era lindo. Fui chegando ao morro do Cerro.

Vamos ver até onde dá para chegar sem desmontar, pensei. Estava em forma. Uma curva atrás da outra, fui subindo sem necessidade de apear. Curva atrás de curva, fui pedalando e finalmente, no cume, vejo o barraco do vendedor de bananas. Foi um esforço extraordinário, mas consegui. Com paradas nos lugares mais íngremes, teria sido mais fácil e também teria vencido o morro. O impulso meu, era efetuar recordes dos quais ninguém tirava proveito. Eram somente auto-confirmações minhas. Venci. Isto era suficiente para mim. Sentia-me feliz e realizado após vencido o obstáculo quase invencível. Posso fazê-lo. Será que outro conseguirá? Pouco importa, eu consegui.

Já que estava no alto e as bananas eram convidativas, comprei algumas e comi. Agora vamos enfrentar a descida. Lembrei-me de outras descidas, quando o eixo trazeiro esquentara devido às constantes freiadas prolongadas. Amarrei um galho de um arbusto que arrastei e por diversas vezes apeei nos trechos mais perigosos, que para o lado de Jaraguá eram mais íngremes e as curvas mais fechadas. Cheguei em baixo, retirei o galho e segui até Jaraguá do Sul, onde efetuei meus negócios. O mesmo fiz em Guarimirim. Mas aí aconteceu o que não esperava: começou a chover. Segui em direção ao Bruederthal, onde cheguei já completamente molhado. Mesmo assim continuei, e a chuva também. Perto de Annaburg, o tempo melhorou. Já passavam das quatro horas da tarde quando cheguei. Entrei numa pequena loja e após alguns minutos parado, formava-se uma poça de água aos meus pés, água que saía da minha roupa e dos sapatos. Tirei o paletó e prossegui viagem. Um ventinho apareceu e começou a secar minha roupa que, quando cheguei a Joinville, estava totalmente seca. O calor do corpo e o ventinho fizeram bom serviço. Já era início de noite quando cheguei em casa do reverendo Pastor Hans Müller, meu amigo, que me ofereceu pernoite, o que aceitei agradecido. A esposa do reverendo arrumou a minha roupa dentro do possível, e assim pude enfrentar o comércio de Joinville no outro dia. Indaial a Joinville, num só dia, naquela época, sem asfalto, ainda com paradas no comércio, era mais uma vez um record, uma auto-afirmação. Poucos poderiam realizar uma fa-

çanha dessas. A subida num lance só, do morro do Cedro, tentei mais algumas vezes, mas nunca mais conseguí. Sempre havia uma curva ou outra, num lance muito íngreme, que me obrigava a apear da bicicleta.

Poderia escrever ainda sobre outras viagens que realizei, por exemplo: Indaial - Massaranduba - Luiz Alves - Blumenau - Indaial, em dois dias, o que também seria interessante. Ou Indaial - Timbó - Benedito Novo - Alto Benedito, com quebra da bicicleta no meio do caminho. Mas isto são coisas corriqueiras e não quero aborrecer meus queridos leitores com acontecimentos chamados de "café pequeno", ou enfadonhos. Por isso acho melhor desligar o motor, ou melhor apear da bicicleta, colocá-la no canto e descansar.

Hoje já me falta o ar quando ando uns dez minutos na minha querida bicicleta, companheira de tantas viagens inesquecíveis, cujo assento reluzente de uso, hoje está empoeirado e com bolor.

Com meus 73 anos de idade, uma ferida aberta na perna, há durante 25 anos, seria demais tentar algo. Estas viagens, que não passavam de cinco dias quando adentravam a região do Alto Vale do Itajaí, mas que eram extremamente desgastantes, devem ter contribuído para o meu atual estado físico; mas compensaram como agradáveis lembranças. E como nada mais posso fazer, passei ao papel, tudo que era interessante e que vivi com entusiasmo. Será que valeu a pena? Se você gostou da leitura, obrigado. Se foi enfadonho e não gostou, minhas desculpas. Adeus.

Otto Stange, fevereiro de 1963".

Nota do Tradutor: Otto Stange escreveu estes artigos, sentado à cama, máquina de escrever nos joelhos. Até 1938 era um homem muito ativo, o que demonstram estas suas aventuras, verdadeiras, nada inventadas. Devido a uma ferida aberta na perna que doía muito, caminhava pouco, só quando necessário. Mesmo assim, nunca deixou de trabalhar. Até sua morte, se divertia, emoldurando quadros e retratos. Escrevia artigos como o acima, peças teatrais, das quais algumas foram apresentadas no palco da Casa da Comunidade Evangélica de Indaial. Foi Juiz de Paz em Indaial, durante alguns anos; alemão de nascimento, tinha seu título de eleitor brasileiro. Como presidente da Paróquia Evangélica de Indaial, construiu a nova igreja, assim como a

de Encano e outras. Junto com o prefeito Marcus Rauh, planejou e supervisionou a construção do atual cemitério de Indaial. Gostava de música, principalmente de coro masculino, no qual era atuante; era ginasta e foi criador do primeiro jornal de Indaial, "Die Gurke", humorístico, com sete edições anuais: de 1932 a 38. Emigrou da Alemanha com doze anos de idade, junto com seus pais e irmãs; em Blumenau abriram uma marcenaria que, ocupava 14 pessoas. Aos vinte anos de idade assumiu a marcenaria, vendendo-a em 1925 e se transferiu para Indaial, já casado, e com sete filhos, onde abriu um pequeno comércio. Em 1934 comprou uma fábrica de acolchoados que foi vendida em 1953, quando seu filho assumiu a loja. Fez meio ano depois de escrever o artigo acima, em junho de 1963, com 74 anos de idade. Muito ativo, enquanto podia, honesto e trabalhador, deixou saudades a todos que o conheceram.

Erich Stange

O JOVEM CIENTISTA FRITZ MÜLLER UMA CONTRIBUIÇÃO A CIÊNCIA E A HISTÓRIA CATARINENSE

O jovem cientista Johann Friedrich Theodor Müller nasceu em 31 de março de 1822 na aldeia de Windischholzhausen, próximo a Erfurt, Alemanha. Enquanto acadêmico já era fascinado pela natureza desenvolvendo a investigação, observação e a pesquisa da vida de plantas e animais silvestres. No decorrer de seus estudos mantinha troca de correspondências com Charles Darwin (cientista criador da Teoria da Evolução) e Ernest Haeckel (pai do termo Ecologia). Para Darwin o cientista Müller escreveu o livro "Fatos e Argumentos a Favor de Darwin" (Für Darwin), ao qual aplicou a teoria da evolução com espécies do grupo dos crustáceos (larvas de camarões) apontando alguns fatos favoráveis a essa doutrina. Este livro foi de grande valia para afirmar e estabelecer a Teoria da Evolução no mundo científico. Fritz Müller e Charles Darwin nunca se encontraram, mas as correspondências com Darwin continuaram até a morte deste último. Segundo Francis Darwin (filho de Charles) o pai tinha elevada consideração por Müller intitulando-o "Príncipe dos Observadores da Natureza".

Deixou-nos o cientista muitas mar-

cas entre as quais 248 pesquisas científicas publicadas na Europa e na América. AQUI no Estado trabalhou em Florianópolis e Blumenau. Seu foco de trabalho: insetos (abelhas, borboletas e tricópteros), crustáceos (larvas de crustáceos marinhos), anelídeos (sanguesugas, minhocas), celenterados (medusas), protocordados (balanoglossos) e alguns vertebrados. Na botânica: bromélias, orquídeas, leguminosas entre outras.

Além do tesouro científico, Fritz Müller deixou sua luta pelo crescimento da colônia, o desbravamento das terras como um colono de seu grupo. Porém havia nele grandes conflitos entre seu tempo para o crescimento da colônia e o estudo da natureza.

Seus pensamentos:

"Sem liberdade, não há verdade nem virtude".

"Assim como o corpo respira livremente, o espírito também deve pensar livremente".

Falecido em 21.05.1895 aos 75 anos de idade, fica a herança de suas pesquisas e o amor a ciência natural.

No município de Blumenau onde viveu a maior parte de sua vida junto a família, sua residência foi transfor-

mada em museu o "Museu de Ecologia Fritz Müller" criado em junho de 1936.

Completando 60 anos o Museu de Ecologia Fritz Müller, é uma memória dos recursos biológicos da Floresta Atlântica do estado catarinense. Hoje o Museu de Ecologia Fritz Müller é parte integrante do Centro de Educação Ambiental do município de Blumenau.

Compõem-se a casa em enxaimel de três salas e uma recepção, sendo a sala 01 o acervo histórico que abriga pertences como microscópio do cientista e a sala 2 e 3 coleções de minerais e rochas, animais empalhados de mamíferos, aves, répteis e anfíbios. Muitos são peças de animais raros ou em vias de extinção de acordo com a lista oficial do IBAMA. O acervo se encontra em exposição para visitação pública. Também o Museu oferece um roteiro das plantas do jardim com informações sobre estas, e pequenos mostruários em vidro de plantas e animais, estando aberto a visitação pública de 2a. f a 6a. f, aos sábados, domingos e feriados das 8:00 às 11:30 hs. e das 14:00 às 17:00 hs.

Coloque em seu roteiro de férias uma visita cultural aos museus catarinenses.

Informações sobre o Museu de Ecologia Fritz Müller.

R. Itajaí, 2195 Bairro Vorstadt Blumenau-SC.

Fone: 047 326-6890

FAX: 326-3105

Bibliografia

Glória Sem Rumor, 2a. edição, 1979
E. Roquette Pinto, Revista e atualizada pelo Museu de Ecologia Fritz Müller.

Müller, Fritz, 1822-1897.

Fatos e Argumentos a Favor de Darwin, Für Darwin/Fritz Müller; tra-

dução e apresentação de Hitoshi Nomura, - Florianópolis;

Edições Fundação Catarinense da Cultura; Rio de Janeiro, CPRM/DNPM, 1990.

Entre a Enxada e o Microscópio - O Colono Fritz Müller; J. Ferreira da Silva, Conferência Pronunciada na Reunião da Academia Catarinense de Letras, realizada em Blumenau a 17 de maio de 1971, no Salão de Atos da Biblioteca Pública Municipal "Dr. Fritz Müller".

Glossário:

Acervo — Conjunto de bens que integram um patrimônio.

Doutrina: Conjunto de princípios que servem de base a um sistema religioso, político, filosófico ou científico.

Teoria da Evolução — Transformação gradual das espécies no decorrer do tempo geológico. (A teoria Darwiniana levanta a hipótese com bases mais sólidas em observações na natureza).

Vertebrados — Animais que possuem coluna vertebral.

Protocordados: São cordados primitivos exclusivamente marinhos, ou seja animais que apresentam uma estrutura de sustentação chamada notocorda que pode ou não se manter na fase adulta.

Celenterados: Animais aquáticos, de água doce ou salgada, sendo as medusas, anêmonas e corais os representantes mais conhecidos.

Anelídeos: Animais cujo corpo é formado por anéis repetidos.

Crustáceos: Classe de animais que possuem o corpo dividido em duas partes e com dois pares de antenas e cinco pares de patas locomotoras.

Ecologia: Ciência que estuda as relações dos seres vivos entre si e com o meio ambiente.

Recursos biológicos: Recursos dis-

poníveis na natureza (plantas e animais).

Leguminosas: Plantas que geralmente produzem fruto tipo vagem.

Bromélias: Plantas do extrato her-

báceo que geralmente se fixam em árvores ou arbustos.

Texto: JUCELI T. C. ZUNINO
Bióloga

LANÇAMENTO DO ÍNDICE DE "BLUMENAU EM CADERNOS"

Depois de superar inúmeras dificuldades e ante um trabalho exaustivo de equipe, foi, finalmente concluído e impresso o índice da nossa revista, contendo os 37 tomos já impressos. Trata-se de uma obra importantíssima para os que frequentemente pesquisam nas páginas da revista que iniciou sua circulação em novembro de 1957, portanto há 38 anos.

A solenidade, de apresentação do índice, promovida pela Fundação Cultural de Blumenau, ocorrida no dia 5 do corrente mês de setembro no recinto da Biblioteca "Dr. Fritz Müller", contou com a presença de numerosos convidados. Na ocasião o prefeito Renato de Mello Vianna, que presidiu os trabalhos, fez uso da palavra exaltando a vivência da revista nos seus 38 anos de circulação ininterrupta, elogiando o apoio que a mesma vinha recebendo desde seus primeiros números, pela comunidade blumenauense e ao trabalho do atual editor José Gonçalves, que a dirige há 19 anos. O presidente da Fundação, com a saída do prefeito Renato Vianna, que necessitava estar presente a outro compromisso, passou a dirigir os trabalhos da solenidade,

concedendo a palavra à historiadora professora Sueli Maria Vanzuita Petry, que elogiou o trabalho de colaboração da professora Neide Almeida Fiori, da UFSC para a conclusão das pesquisas que resultaram na conclusão do índice.

Na oportunidade, Altair Carlos Pimpão, na qualidade de presidente da Fundação Cultural de Blumenau, fez entrega de certificados de "Honra ao Mérito" a diversos colaboradores, inclusive aos que também têm contribuído financeiramente, ao longo dos últimos anos, para a sobrevivência da revista histórica, que não tem fins lucrativos e que, portanto, sua circulação regular, que até aqui sempre aconteceu, tem dependido dessas colaborações financeira de empresas, empresários e particulares amigos e leitores da revista.

Três colaboradores vieram prestigiar o acontecimento, procedentes de lugares mais distantes: Siegfried Carlos Wahle, procedente de São José do Rio Preto, São Paulo, Ruy Moreira da Costa, procedente de Curitiba, assim como a historiadora Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart, também procedente de Curitiba.

Aconteceu... há 50 anos passados

(Notícias copladas das páginas do jornal "A Nação" — 1943-1980)

José Gonçalves

— DIA 05/09/1946 — Neste dia, tomou posse no cargo de Delegado Regional de Polícia de Blumenau o Dr. Paulo Malta Ferraz, advogado jornalista e historiador, nomeado pelo então interventor Dr. Udo Deeke, no Governo do Estado. O Dr. Malta Ferraz substituiu naquele cargo o Dr. Arnaldo Martins Xavier, que durante muitos anos o exercera em Blumenau e que então fora exonerado para assumir a Delegacia Regional de Polícia de Itajaí, para cujo cargo também foi nomeado pelo Dr. Udo Deeke. *** Neste mesmo dia, era registrado, na coluna social, o noivado da Srta. Mirian Tonolli, com o jovem Gerhard Frederico Blohm, ela filha do Sr. Walter e dona Iracy Tonolli e ele proprietário da Casa Rádio Blohm.

— DIA 07/09/1946 — O jornal destaca o sucesso da exposição acontecida em Porto Alegre, do escultor blumenauense Erwin Teichmann. *** Era registrado, também, o aniversário natalício do jovem advogado Eddie C. Grossenbacher.

— DIA 08/09/1946 — Num jogo amistoso entre as equipes do Grêmio Esportivo Olímpico e do América F.C. de Joinville, teve como resultado o empate de 3 a 3. As duas equipes formaram assim: Olímpico: Waldir, Arthur e Arécio; Piska, (Luiz), Pilolo e Jalmo; Nandinho, Jair (Carú), Bodinho, Braulio e Brito. América: Gonzaga (Bebeto), Faraco e Currence; Vico, Piazeria e Téio; Pachola (Euclides), Zobot, Cilo, Cocada e Zezinho.

— 11/09/1946 — É destaque no jornal a baixa do preço da dúzia de ovos no Armazém Ruediger, que localizava-se na Rua 15, esquina com a Amadeu da Luz. O preço da dúzia de ovos, ali, era de Cr\$ 3,00, considerado excelentemente barato, naquela época.

— DIA 12/09/1946 — Na sociedade blumenauense é destaque o casamento do jovem advogado Eddie Grossenbacher, filho do então deputado Roberto Grossenbacher, com a Srta. Maria Eulália Melro, filha do Dr. Luiz de Freitas Melro.

— DIA 14/09/1946 — Operários da Fábrica Blumenau S/A., formularam queixa ao Conselho Municipal de Abastecimento, por terem comprado trigo que era distribuído em forma de racionamento, e que receberam nos respectivos pacotes, nada menos do que fubá. O caso chegou ao conhecimento do prefeito Alfredo Campos que tomou as devidas providências. *** Uma terrível praga de gafanhotos invadiu os municípios de Joaçaba, Concórdia, Caçador, Videira e Canoinhas, no oeste e norte catarinense, e, numa área de aproximadamente 100 quilômetros, destruiu todas as plantações, especialmente trigo, causando prejuízos calculados em cinco milhões de cruzeiros. Os agricultores travaram intensa luta contra os terríveis insetos, com fogo e muito barulho, conseguindo espantá-los finalmente. O grupo de insetos que fugiu, dirigiu-se ao norte, em direção ao Paraná e São Paulo. *** Pelo campeonato da 2ª. Divisão da LBF, a equipe do Vasto Verde venceu a do C.A. Operário por 3 a 1.

— DIA 21/09/1946 — Neste dia, o jornal "Cidade de Blumenau" comemorou a passagem de seus 23 anos de circulação, fundado que fora no dia 21 de setembro de 1923, quando saiu sua primeira edição. A coleção deste jornal, assim como de "A Nação" e outros órgãos, encontram-se no Arquivo Histórico da Fundação Cultural de Blumenau.

— DIA 23/09/1946 — Neste dia, assumia a presidência do Senado Federal, no Rio de Janeiro, o senador catarinense Dr. Nereu de Oliveira Ramos.

— DIA 28/09/1946 — No Teatro Carlos Gomes, aconteceu grandioso recital de canto, uma belíssima noite de arte, com a apresentação da então afamada e aplaudida cantora lírica brasileira Nazira Mansur, oferecendo um variado repertório tão a gosto da seleta platéia que não resgatou aplausos ao magnífico desempenho da notável artista.

— DIA 27/09/1946 — Neste dia, a crônica social registrava com destaque o casamento do então jovem Arthur Castro, filho do Capitão Euclides de Castro, de saudosa memória, com a jovem Nilza Russi, filha do Sr. Delério Russi, vastamente conhecidos e estimados em Blumenau.

— DIA 29/09/1946 — Como destaque no acontecimento social do dia, o jornal registrou o casamento da jovem Maria da Glória Telles, filha de Procópio Telles, com o jovem José Mafra, destacado funcionário do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Trabalhadores em Transportes de Carga — IAPTEC.

REMINISCENCIAS DA 15

Werner Henrique Tönjes

(dedicadas ao filho Werner Hinckel)

1. OS TRÊS POR CENTO E OS QUATRO POR CENTO

Nos anos trinta, na região rural blumenauense, um beneficiador de carne suína muito consumida na rua 15 e adjacências pela qualidade oferecida, dependia dos criadores responsáveis pela engorda dos animais, na época apropriada, vendidos ao fabricante de linguiças. Um animal valia entre 30 e 50 mil réis, e eram muitos. Como havia dificuldade no caixa do fabricante de lombinhos, eis que havia um descompasso entre o pagamento à vista na entrega dos quadrúpedes e a sua posterior venda na 15 de Novembro à prazo. O inteligente comerciante blumenauense hoje, sua firma seria fora do perímetro da Stadt (cidade) bolou um plano financeiro sanador de todas as aflições argentárias. Para todo colono perguntava o que o mesmo fazia com o dinheiro. A resposta era geralmente a mesma: era guardado debaixo do colchão como reserva. Ciente, o fabricante de Eisbein (joelho de porco) propunha o seguinte negócio: ele guardaria a grana por três por cento mensais, pela guarda, pela segurança, pelo trabalho de contar os níqueis. Muitos fornecedores felizes em ter a quem confiar a gaita aceitavam os termos propos-

tos pelo fabricante. Com o tempo a inflação manifestava-se e os poupadores desta caderneta de poupança pagaram quatro por cento mensais descontados do seu capital pelo preparador de salsichas, e o faziam contentes pois dentro de suas casas, julgavam, não haveria tanta segurança.

(Elke Pantzier)

2. O QUADRADINHO NO CÍRCULO (Die Quadratur im Zirkel)

O “Dono da venda” nos anos vinte mantinha uma caderneta de fiado onde registravam-se as vendas a prazo de um modo muito peculiar. Ele não tinha instrução, a vida era dura e não sobrava tempo para a escola. Desde pequeno ajudava o pai na lavoura e depois nos negócios familiares. Inteligência porém não faltava; quando chegou a sua vez de assumi-los cobrava todas as contas atrasadas. Freqüentadores menos assíduos eram os moradores da 15, pois eram distantes. Entre uma compra e o seu resgate às vezes transcorriam meses. Por conseguinte reapareceu o cliente no balcão e com brilho nos olhos o comerciante comentou: “Fritz, tu me deves um queijo!” — O quê? eu nunca comprei laticínio contigo! — Tu não te lembras?

Fazem três meses atrás marcado na caderneta! — Estás equivocado, jamais busquei um queijo redondo que desenhas-tes aí no papel, mas sim uma pedra de amolar! Olhando atentamente em seu esboço feito na folha o senhor Caminho retrucou surpreso: tens razão, esqueci o quadradinho no círculo!

(Elke Pantzier)

3. O UM PORCENTO

Aproximadamente há 70 anos passados houve uma reunião na Associação Comercial de Blumenau. Na pauta, uma velha preocupação dos associados: como sobreviver com o sempre crescente custo dos serviços, impostos e outras despesas sendo somente acrescidos trinta por cento em cima do preço de compra das mercadorias, e era norma ou lei.

De todos os apreensivos membros, um comerciante destacava-se pelo seu agir satisfeito, o que chamou a atenção dos outros. Perguntado como driblava as suas preocupações, declarou: “eu sempre ponho um por cento em cima”. Assombrados os seus colegas pediram explicações detalhadas desta matemática, ao que o despreocupado senhor Caminho respondeu: “Quando custa 1 mil réis mais um por cento dá 2 mil réis, quando são 5 mil réis mais 1 por cento dão 10 mil réis. O lucro era garantido.

(Elke Pantzier)

4. O CARRINHO DE PEDREIRO

Depois de muitos chopes, noite a dentro, o proprietário alegrava-se e cantava a plenos pulmões. Afinal o dia não fora tão ruim assim. Era término de mês, a freguesia era pouca, as contas avolumavam-se em proporção inversa ao caixa, as incomodações sucediam-se. Nos locais onde reina a gastronomia os sabores somem a medida em que há maior movimentação de clientes. Por conseguinte o proprietário equilibrava as suas emoções consumindo bebidas alcoólicas para grande preocupação da dedicada esposa e filha. Era hora de fechar, cadê carro de molas? Não havia. As

duas mulheres providenciaram um transporte prático e barato, agora não era mais necessário carregar o marido e pai nas costas até a residência, centenas de metros adiante. Punham-no dentro do carrinho de mão revezando-se na condução do barítono.

5. O AÇUCAREIRO

Um concorrente do Tonjes e muito bom, resolveu abolir os açucareiros de formato cilíndrico tampa inox, corpo vítreo transparente e base coberta com borracha, por outro modelo usado comumente na Europa Central. A nova peça era condizente com o ambiente requintado. A desvantagem deste objeto bem mais baixo que alto era a de molhar-se a colher dentro da xícara do café e o açúcar embolotar-se significando uso por outro consumidor. O caso foi parar na justiça pois o órgão encarregado da saúde pública vetou o uso. O estabelecimento ganhou a causa comprometendo-se todavia a trocar sempre os adoçantes. A desvantagem do outro tipo era visível: bebedores vendo um passante do qual não simpatizavam “inocentemente” invertiam o açucareiro e batiam com a palma da mão na base olhando a pessoa fora na rua, e isto tanto poderia ser considerado um gesto obsceno como somente pressão a fim de retirar mais açúcar do recipiente. As brigas eram constantes.

6. A CORDINHA

Nos anos 70, a Confeitaria Tonjes conhecida pela tradicional qualidade, foi transferida para o 1º andar. Além da sala azul para eventos especiais, havia o salão e o terraço onde mesinhas de mármore protegidas por sombrinhas coloridas convidavam os blumenauenses e visitantes a usufruírem da bela paisagem, alimentando-se e bebendo. Na alta temporada isto é nos meses de janeiro e fevereiro e em julho haviam verdadeiros enxames de turistas na 15 e não havia Oktoberfest. Os clientes adoravam ocupar as mesinhas e beber um bom chope.

As canecas todas com emblema frísio de Wilhelmshaven eram solicitadas, notadamente as de 1 litro com a sua coloração azulada. Apesar de serem pouco vendidas em função de seu preço, estes recipientes começaram a desaparecer, e descobriu-se como. Após pedirem várias jarras de um litro, visitantes desejosos de obter algum grátis, utilizaram-se do seguinte estratagema: prendiam uma cordinha na alça e desciam o objeto até o térreo na beira rio, longe dos olhos da garçonete e onde estacionavam os seus carros, ali havia alguém esperando. Este cortava a cordinha e guardava o souvenir cobiçado dentro do carro. Alertada, a Casa descrevia na nota fiscal a cerâmica e o colecionador pagava, conhecedor de que o truque tinha falhado.

7. ANOS 90 (1996) A.

Velho conhecido, filho de tradicional família blumenauense com o seu jeito alemão de ser, chamou-me ao seu apartamento. "Sou o único no Centro dispondo de três, até quatro orquestras tocando músicas diferentes; a típica alemã, a pop, a internacional e cantada. Também é possível ouvi-las todas ao mesmo tempo conforme as janelas são abertas para a 15. Eu adoro música, faz bem para a alma; tenho porém uma menininha e os decibéis musicais atingidores desta parte de minha moradia vão além do normal e o horário musical ultrapassa o estabelecido em lei. Antigamente, num tempo ainda vivenciado, os vidros eram descerrados para o ar renovar a casa e o sol tirar algum mofo causado por chuvas prolongadas. De qualquer modo, sempre havia algum motivo para que se observasse o movimento da rua 15 já que televisão não existia. Atualmente ares condicionados com filtro, comunicam-se com o mundo exterior, e as habitações enclausuram-se; só finais de semana o movimento na 15 diminui e as janelas são abertas, com exceção nos tempos de duração da Oktoberfest. Passando recentemente em frente deparei com a placa: aluga-se. Era mais um blumenauense batendo em retirada, des-

falcando com a sua ausência a cultura, educação e amizade de velhos tempos. Mudou-se para um lugar mais tranquilo: o berço da fiação catarinense.

E quem reside entre a rua 15 e beira-rio? Desloca-se quem pode!

8. ANOS 90 (1996) RALF

Há tempo que não o via. Há muito saiu de Blumenau, filho de tradicional família blumenauense e com descendência materna idem.

Os negócios não deram certo na época, e não foi a única exceção nestes tempos. Era jovem e herdeiro de sangue empreendedor, partiu para Petrópolis sozinho com auxílio de quem na época o pudesse ajudar, enquanto seus pais e irmãs eram subvencionados parcialmente pelo tio, que assim salvou importantes propriedades. Sofrendo angústias e até passando fome moldou seu espírito em granito fiel ao lema: "O que não me derruba me faz mais forte" (Was mich nicht umwirft macht mich stärker). Dezenas de anos se passaram e Ralf envelheceu. Vendedor de produtos petrolíferos, onde ia encontrava um concorrente, também feroz nas vendas. Cansaram-se os dois em confrontações comerciais e finalmente como naquela gravura onde dois animais irracionais não conseguiam alcançar os dois montes de feno ao mesmo tempo devido a corda ser curta, uniram racionalmente as forças e venceram os obstáculos. Ralf ainda casou com a irmã do agora sócio vendedor. Encontrei-o casualmente na 15, a esposa, a filha Elisabeth e o seu genro senhor Mendel. Disse-me: "Construí pedra sobre pedra" e "hoje estou edificando 20 apartamentos". Onde resido sou conhecido apenas como Ralf. Ralf é exemplo de espírito empreendedor blumenauense no que tem de mais férreo, e certamente dignifica a sua origem, tanto assim que hoje é representante da Mercedes Benz nas terras altas do Imperador aparentado com a dinastia imperial austríaca. O espírito de luta certamente o tornaria vitorioso em qualquer continente.

— DIA 1º. — Teve início em Blumenau, como em todo o país, o Serviço de Censo. *** Segundo as estatísticas, o frio, este ano, bateu record, em durabilidade de baixa temperatura. Só no mês de junho, a temperatura média esteve em 10,1 graus. *** No Bloco T da Universidade de Blumenau foi iniciado um seminário sobre o aspecto epidemiológico das doenças tropicais. *** Foi aberta a Semana Mundial de Amamentação, com extensa atividade da Secretaria de Saúde da Prefeitura de Blumenau e do Centro de Saúde local.

— DIA 02 — Numa barreira montada na rua Itajaí, proximidades do SESI, a Fazenda Estadual autuou 10 motoristas por transportar mercadorias sem a devida nota fiscal. De março a julho do corrente ano a arrecadação aumentou quase quatro milhões de reais, segundo o gerente da 3ª. Exatoria da Fazenda, Almir Gorges. *** A Sra. Orla Kilian filha do saudoso historiador e jornalista Frederico Kilian, fez doação, ao Arquivo Histórico "Prof. J.F. da Silva", de todo o valioso acervo cultural de seu pai.

— DIA 05 — Foi aberta a Primeira Mostra Fotográfica da Associação Brasileira de Preservação Ferroviária, Núcleo Regional do Vale do Itajaí. O local da exposição foi a FURB. Foram expostas fotos da Estrada de Ferro Santa Catarina, iniciada em 1906 e erradicada, infelizmente, em 1971.

— DIA 06 — Segundo estatísticas publicadas, os casos de AIDS duplicaram em Santa Catarina em menos de um ano. Casos confirmados: 3.033, sendo crianças e adolescentes, 178 em Blumenau e na região, 274. No geral, foram veículos de transmissão: relações sexuais-homens, 896; mulheres, 323. Homossexuais, 386. Sanguínea: 846 em homens e 320 em mulheres. Usuários de drogas: homens, 803; mulheres 191. Hemofílicos: 8. Transfusão: homens, 32. Mulheres, 29. Isto é impressionante! *** Na Galeria Municipal de Artes da Fundação Cultural de Blumenau, foi aberta Exposição de Artes e lançamento do livro com autógrafos, denominada TEXTO e TEXTURA, com Tchello d'Barros e o poeta Marcelo Steil. Também aconteceu na mesma oportunidade a abertura de exposição de pintura do artista plástico Aldo Pereira de Andrade. *** No Shopping Neumarkt foi aberta a Feira Livre do Livro de Blumenau, que contou com a participação de numerosos escritores.

— DIA 08 — Em Ascurra, foram abertas as atividades da Segunda Festa "Per Tutti", de tradição italiana.

— DIA 09 — Na Praça Central do Shopping Center Neumarkt, foi aberta exposição de telas do artista plástico Dinis Domingos, constando de 36 quadros.

— DIA 11 — Encerraram-se as festividades da festa tradicional de Ascurra "Per Tutti" que contou com a frequência de cerca de quinze mil pessoas. *** No bairro de Itoupava Central foi inaugurada a Primeira Base Operacional da Polícia Militar, à rua Carlos Pagel, em cumprimento ao programa Polícia Comunitária.

— DIA 13 — Às 20 horas, no Teatro Carlos Gomes apresentou-se em noite de gala, o afamado Coral de Viena — Meninos Cantores de Viena — alcançando grande sucesso e recebendo fartos aplausos. *** No Saguão do Bloco A da FURB aconteceu o lançamento dos livros "Idelagem & Imaginura" e "Exeus", de autoria de Dênis Radunz, assim como a abertura de exposição individual da artista Simone Tanaka.

— DIA 16 — No Teatro Carlos Gomes, aconteceu a apresentação do espetá-

culo O LAGO DOS CISNES com o Grupo de Balé Clássico do Centro de Dança Porto União da Vitória. *** No Ginásio "Sebastião Cruz" ou Galegão, realizou-se a apresentação de "Os Titãs do Rock", que já existe há 13 anos. O espetáculo contou com grande público, especialmente jovem. *** No Rivaje Danceteria registrou-se aplaudido show com a Banda Flerte, de Itajaí.

— DIA 17 — O caderno 1-B, do Jornal de Santa Catarina, estampa belas fotos coloridas da Ponte dos Arcos, fotos estas de autoria de Marcos Sander, vencedor do Concurso Fotográfico "Ponte dos Arcos", promovido pelo Cine Foto Carlos, em parceria com a Kodak e a Prefeitura de Blumenau. As fotos vitoriosas foram escolhidas entre cerca de 340 trabalhos de fotógrafos amadores e profissionais. *** No Parthenon Fiat Service, a artista Lygia Roussenq Neves abriu bela exposição com nove telas, destacando-se entre as quais a denominada Fenomenologia do Redondo. Lygia é Diretora do Departamento de Cultura da Fundação Cultural de Blumenau.

— DIA 18 — Alunos e professores da Escola Básica "Machado de Assis", desfilaram pela rua 15, em comemoração aos 90 anos de fundação daquela instituição de ensino, ocorrida em 1906. *** Estatísticas publicadas informam que a vacinação em Blumenau alcançou 96% da meta prevista, tendo atingido 22.320 crianças de 0 a 5 anos.

— DIA 20 — No Teatro Carlos Gomes aconteceu a apresentação da Companhia de Danças Déborah Colker com "Mixto de Vulcão e Velox", recebendo muitos aplausos da seleta platéia. *** No Complexo do SESI tiveram início os Jogos da Primavera de Blumenau, edição 1996. É um verdadeiro celeiro no qual se revelam jovens atletas que passam mais tarde para os Jogos Abertos.

— DIA 23 — Foi encenada, no Teatro Carlos Gomes, a peça-comédia "Trair e Coçar — É só Começar", de Marcos Caruso, com duas dezenas de atores.

— DIA 24 — Na programação de Eventos Culturais Itaú, registrou-se excelente noite musical no Teatro Carlos Gomes, a cargo da Orquestra de Câmara de Blumenau.

— DIA 25 — A página 3-B do Jornal de Santa Catarina, edição deste dia, traz bela reportagem de Carin Penha Pinós sobre médicos de Blumenau e suas vocações, com destaque muito justo para o mais antigo: Paulo Mayerle. Vale conferir.

— DIA 27 — A boa notícia do dia é a de que o governo japonês, por seu primeiro ministro, assinou em Brasília o acordo que garante investimentos de quinhentos milhões de dólares para serem aplicados em programas ambientais no Brasil, sendo que destes valores, 174 milhões deverão ser investidos no projeto de construção de barragens contra as cheias no Vale do Itajaí. *** Foi aberta uma exposição de 11 quadros de autoria da artista plástica Sandra Regina Veloso no Espaço Cultural da Caixa Econômica Federal. *** Na Fundação Cultural de Blumenau foi inaugurado o Espaço Cultural juntamente com a abertura da exposição da artista plástica Ana Maria Tribuci e também o lançamento do CD Histórias de Imanhucumã. O novo Espaço Cultural localiza-se nos porões da antiga prefeitura e atende aos anseios dos artistas plásticos blumenauenses. *** Na página 3-B do Jornal de Santa Catarina, apareceu nova e bela reportagem da jornalista Carin Penha Pinós sobre medicina, destacando o conceituado médico blumenauense Walmor Belz. Vale conferir.

— DIA 29 — Na Fundação Cultural de Blumenau foi aberta exposição de fotos de Luiz Carlos Berri denominada "Retrato da Migração em Santa Catarina". *** Em triste acidente na BR-101, faleceu o popular e conceituado advogado criminalista Acácio Bernardes, cujo fato consternou profundamente a população de Blumenau onde era vastamente conhecido.

AVANÇO TECNOLÓGICO PARA A MELHOR VISÃO

É gratificante podermos, hoje, destacar o avanço tecnológico que Blumenau adquiriu recentemente, com a instalação, no Hospital Santa Catarina, pelos oftalmologistas Sandra e Fernando Botelho, de modernos aparelhos para microcirurgia ocular, que são utilizados nas cirurgias do segmento anterior do olho, principalmente cataratas.

A catarata é uma doença que afeta o cristalino (lente que existe dentro do olho, cuja finalidade é a focalização das imagens), tornando-o opaco e não permitindo assim que os raios luminosos alcancem a retina, levando com isso a uma baixa visão e até a cegueira.

Com esta instalação, as cirurgias de catarata atualmente realizadas no Centro Cirúrgico do Hospital Santa Catarina pelos Drs. Botelho, empregam uma

tecnologia de ponta, utilizando um aparelho ultrassônico, computadorizado, denominado FACO-EMULSIFICADOR ALCON LEGACY 2000, que permite fragmentar a catarata e aspirá-la através de minúscula incisão, permitindo-se, a seguir, a implantação de lente intra ocular, que é o cristalino artificial flexível e dobrável.

Que outras iniciativas neste e noutros ramos visando o bem estar e saúde em geral sejam promovidas e que nos comuniquem com detalhes para que possamos registrar nestas páginas como um fato histórico dentro das atividades profissionais que registram o crescimento de toda a tecnologia no campo da ciência, para o bem-estar geral. Nossos cumprimentos aos Drs. Fernando e Sandra Botelho pela oportuna iniciativa.

Ô CATARINA! E A CULTURA AÇORIANA

Gostei e muito da edição julho/agosto-96 — n.º 18, do órgão editado pela Fundação Catarinense de Cultura — Ô CATARINA!

O grande destaque é a homenagem que presta à cultura açoriana trazida para o nosso Estado, registrando esta imigração em 250 anos de história.

Todos os autores que enfocam aspectos das tradições açorianas, desde a Festa do Divino Espírito Santo, a Procissão do Senhor dos Passos as Memórias

e Heranças Açorianas e as demais crônicas, merecem aplausos. Tudo isso são memórias que ficarão arquivadas através dos séculos e que se não fossem divulgadas hoje, acabariam perdendo-se no tempo e no espaço. Parabéns, minha gente! Vamos continuar trabalhando pelo maior resgate possível das tradições e memórias que tanto enobrecem a história de nosso Estado em geral, sejam elas açorianas, alemãs, italianas, polonesas, etc. . .

O Editor

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Instituída pela Lei Municipal nº. 1.835, de 7 de abril de 1972.
Alterada pela Lei Complementar nº. 108, de 22 de dezembro de 1995.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nº. 2.028, de 04/09/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nº. 6.643, de 03/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza
Cultural do Ministério da Cultura, sob o nº. 42.002219/87-50,
instituído pela Lei nº. 7.505, de 02/07/86.
89010-001 B L U M E N A U .. Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO :

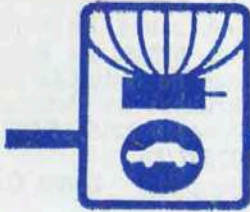
- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU, MANTÉM :

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edith Gaertner"
Edita a revista "Blumenau em Cadernos"
Tipografia e Encadernação.

DIRETORIA :

Presidente : Altair Carlos Pimpão
Diretor Administrativo-Financeiro : Valter T. Ostermann
Diretor de Cultura : Lygia Helena Roussenq Neves
Diretor Depto. Histórico Museológico: Sueli M. V. Petry



Consórcio
Breitkopf

COMPROVADAMENTE SEGURO

DISQUE CONSÓRCIO — 326-2000

Rua São Paulo, 2001 — BLUMENAU · SC

HERING
T Ê X T I L

Nas tramas do mais puro algodão, uma marca de qualidade.

Para todo mundo. Em todos os tempos.